

As ânforas de tradição pré-romana de Mesas do Castelinho, Almodôvar

VICTOR FILIPE*

R E S U M O

No presente artigo dá-se a conhecer o estudo das ânforas pré-romanas de Mesas do Castelinho, Almodôvar, recolhidas nas campanhas de escavação que decorreram entre 1989 e 2003¹. Trata-se de um conjunto de ânforas que testemunha uma contínua importação de produtos alimentares, sobretudo provenientes da área meridional hispânica, desde os finais do século V/inícios do século IV a.C. até ao século I a.C.

A B S T R A C T

In this article we present the study of the pre-Roman amphoras from Mesas do Castelinho, Almodôvar (Portugal), collected in the archaeological campaigns that took place between 1989 and 2003. This is a set of amphoras which witness a continuous food imports, mainly from southern Hispanic area, since the end of the fifth century/early fourth century BC to the first century BC.

1. Introdução

O povoado fortificado de Mesas do Castelinho situa-se na herdade do Monte Novo do Castelinho, freguesia de Santa Clara-a-Nova, concelho de Almodôvar, distrito de Beja (coordenadas UTM: lat. 37° 8' 22" e long. 8° 7' 30", Fl. 572 (Dogueno-Almodôvar) da C.M.P. 1: 25 000). Constitui um bom exemplo de um dos modelos de povoamento das sociedades pré-romanas do Sudoeste da Península Ibérica, os chamados “povoados de ribeiro” (Berrocal, 1992): instalado junto a um curso de água, no caso, a Ribeira de Mora, enquadrado por dois barrancos, que reforçam a defensibilidade do espaço construído, acessível somente por um dos lados, o Sul. Em termos práticos, apresenta-se como um aglomerado que se distribui por duas grandes plataformas contíguas, uma mais elevada, de feição circular, a sul (Plataforma/Sector A), e outra de maior extensão, de planta trapezoidal, mais baixa, a norte (Plataforma/Sector B). Esta peculiar configuração topográfica resulta da existência de muralhas que funcionaram como elemento de retenção de sedimentos, ao longo do tempo, conferindo-lhe uma aparência “amesetada”, de onde o nome de Mesas.

Foi classificado como Imóvel de Interesse Público pelo D.L. 29/90, de 90/VII/17, conheceu desde o ano de 1989 várias campanhas de escavações arqueológicas, promovidas por Carlos Fabião e Amílcar Guerra, docentes e investigadores do Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no âmbito do programa de colaboração iniciado com os então Serviços Regionais de Arqueologia da Zona Sul do Instituto Português do Património Cultural (continuado, depois, pelo IPPAR) e as autarquias locais (Câmara Municipal de Almodôvar e Junta de Freguesia de Santa Clara-a-Nova); para um historial dos trabalhos realizados e problemáticas de estudo veja-se Fabião & Guerra, 1991, 2008; Fabião, 1998; Guerra & Fabião, 2006.

A lógica que presidiu às intervenções foi, respectivamente, a caracterização do povoado, no que diz respeito aos períodos de ocupação e às formas de que se revestiu a sua organização interna; a conservação in situ das mais relevantes estruturas arquitectónicas identificadas; a recolha, tratamento e preparação para futura exposição do diversificado espólio arqueológico encontrado. À partida, o que existia (e o Estado adquiriu) era um sítio arqueológico profundamente afectado por destruições mecânicas, que possibilitavam somente uma caracterização sumária das distintas fases da sua ocupação e deixavam entrever um enorme potencial científico e patrimonial. Após duas dezenas de anos de investigação em continuidade, foi possível conhecer muitos dos aspectos do quotidiano do local. A investigação desenvolvida permitiu identificar três grandes etapas na vida do povoado de Mesas do Castelinho:

Uma primeira etapa fundacional, em que o local foi escolhido para a instalação de uma comunidade humana, por volta dos fins do século V a.C. ou inícios da centúria seguinte e que subsistiu até aos finais do século I ou inícios do II d.C.

No âmbito deste longo período de ocupação de cerca de sete séculos, o contacto com os Romanos e a entrada do povoado na esfera daquele império mediterrâneo, desde o século II a.C. até ao abandono, constitui uma outra etapa essencial, que merece ser destacada;

Finalmente, depois de um longo período de abandono, Mesas do Castelinho foi reocupado por comunidades muçulmanas que ali construíram um pequeno castelo na parte superior das ruínas do antigo povoado, utilizando a plataforma inferior para instalar um núcleo de cariz rural. Saliente-se que esta ocupação se verifica num período precoce da presença islâmica, o chamado Período Omíada (séculos X a XI), e que o abandono do local se deu ainda antes de chegar a estas paragens a chamada Reconquista Cristã, pelo que foi possível documentar uma etapa pouco conhecida do povoamento islâmico meridional (Guerra & Fabião, 1994, 2001).

Esta longa ocupação e as distintas etapas que nela se podem isolar são marcadas por alguns traços fortes, de entre os quais se podem destacar:

Uma vincada personalidade, resultante do diálogo com a envolvente física e ecológica, marcando as contínuidades observáveis no sítio: o mesmo aproveitamento de matérias-primas para a construção, o xisto e a terra; uma vocação económica presumivelmente mais pastoril do que agrícola; uma notável inserção nas redes de contactos inter-regionais, que o seu aparente isolamento e interioridade mal deixariam suspeitar e que se manifesta na presença de artigos exóticos importados, em todas as fases da sua ocupação.

Justamente esta dimensão de interacção/intercâmbio orientou o propósito de escolher como objecto de estudo um conjunto de artefactos que emblematicamente ilustra essas ligações entre um litoral de feição mediterrânea e este interior, frequentemente integrado em outro mundo cultural².

Partindo do estudo das ânforas de tipologia pré-romana, e tendo em conta os diversos aspectos e problemáticas inerentes ao estudo destes recipientes cerâmicos, este trabalho procura essencialmente abordar as questões relacionadas com as dinâmicas económicas e comerciais, bem como os ritmos de consumo e dieta alimentar, documentadas no povoado fortificado de Mesas do Castelinho, Almodôvar, no quadro da chamada II Idade do Ferro e alvares da romanização, no contexto geográfico da região interior do Baixo Alentejo.

No que diz respeito às ânforas em estudo, a sua cronologia estende-se do século V/IV ao século I a.C., correspondendo a recipientes inspirados em modelos púnicos norte-africanos mas fabricados na Península Ibérica e por isso frequentemente designados como “ibero-púnicos”, “ibero-turdetanos”, turdetanos *etc.* No presente trabalho, optou-se por designá-los simplesmente como de tipologia pré-romana, ainda que se tenha plena consciência de que na sua esmagadora maioria foram produzidos numa área que os geógrafos antigos designavam como *Turdetania*³.



Fig. 1 Localização de Mesas do Castelinho na Península Ibérica (modificado a partir de Gonçalves, 1989).

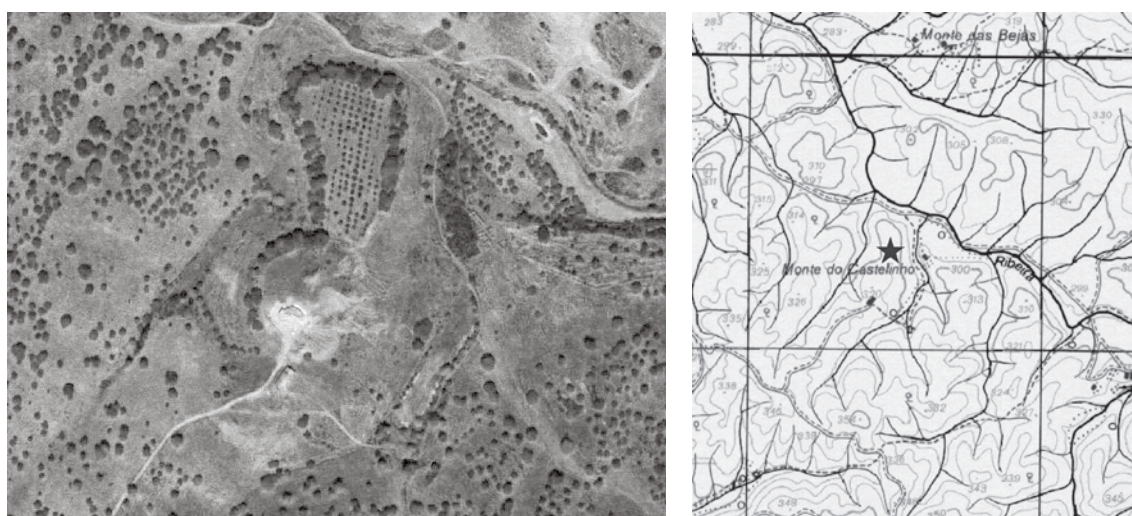


Fig. 2 Fotografia aérea de Mesas do Castelinho e sua localização na Carta Militar de Portugal.

2. As ânforas de tradição pré-romana de Mesas do Castelinho, Almodôvar

2.1. Tipos identificados

A classificação dos materiais anfóricos aqui em estudo foi feita com base nas suas características morfológicas e petrológicas, privilegiando-se a tipologia proposta por Ramón Torres (1995) que, por se tratar de uma proposta de base taxonómica e aberta constitui um instrumento de muito maior utilidade que as anteriores propostas, demasiado vagas ou excessivamente centradas em detalhes formais. Contudo, para facilitar a compreensão das propostas que aqui se fazem, conservam-se as designações mais antigas. Refira-se que alguns dos exemplares aqui estudados se encontram bastante fragmentados, criando dificuldades principalmente ao nível da definição do seu correcto diâmetro e orientação, e por vezes mesmo da sua classificação, no entanto, pensamos que esses são detalhes menores em face do interesse da divulgação deste conjunto de contentores cerâmicos num lugar do interior como é Mesas do Castelinho.

2.1.1. O subgrupo T-11.2.1.0 (*Mañá-Pascual A4 antiga*)

Deste subgrupo foram identificados dois fragmentos de bordo, um atribuível ao tipo T-11.2.1.5. e outro ao tipo T-11.2.1.6., correspondendo às “Mañá-Pascual A4 antigas” (Sáez, 2008a, p. 641).

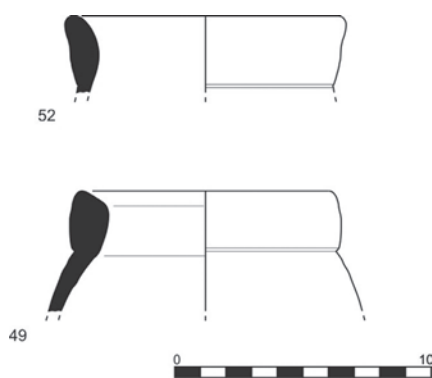
No que se refere ao primeiro tipo, trata-se de um modelo anfórico com bordo alto e de projecção vertical, ombro estreito e de altura variável, oblíquo e ligeiramente convexo, sobre uma carena bem marcada (Ramón Torres, 1995). O diâmetro máximo, situado a um terço da altura do contentor, apresenta-se como a junção de dois cones: o superior de perfil côncavo, e o inferior de perfil convexo-ogival, terminando em botão. As asas são de forma e perfil circular ou oval, arrancando do ombro e repousando na parede da pança.

Formalmente idêntica à anterior, a T-11.2.1.6. diferencia-se sobretudo por possuir um ombro mais estreito, mais alto e menos inclinado. O lábio é espessado, vertical e bem diferenciado do colo, constituindo-se como o remate da parede do ombro.

Faz parte da sequência iniciada pela T-11.2.1.2., de grande importância para as ânforas peninsulares, tendo marcado uma época de grande expansão do comércio fenício-púnico nas costas andaluza e norte-africana, de finais do século V a inícios do século IV a.C., sendo herdeira directa dos modelos pertencentes ao Grupo 10.2.0.0. (Ramón Torres, 1995, p. 234). Constitui grande parte da carga do naufrágio 1 de Tagomago (Ramón Torres, 1995, p. 236).

Estes contentores terão sido produzidos entre o último quartel do século V e inícios do século IV a.C. na área fenício-púnica da costa andaluza e marroquina (Ramón Torres, 1995), estando o seu fabrico arqueologicamente documentado na área de Cádiz (Perdigones & Muñoz, 1988; González & *alii*, 2000), de Málaga (Aubet & *alii*, 1999; Arteaga, 1985) e em Kuass, no Norte de África (Ponsich, 1968). Relativamente ao seu conteúdo, Ramón Torres (1995) relaciona o Subgrupo 11.2.1.0. com o transporte de conservas de pescado.

No território actualmente português estão documentadas, por exemplo, no Coto da Pena (Silva, 1986), no Crasto de Tavadede, em Santa Olaia, em Santarém, em Santa Eufémia (Arruda, 2002), em Lisboa (Filipe, Calado & Leitão, 2005), Setúbal (Arruda, 2002), Alcácer do Sal (Silva & *alii*, 1980–1981), Neves II (Maia & Correa, 1985), Monte Molião, Faro (Arruda, Bargão & Sousa, 2005), Tavira (Maia, 2004), Castro Marim (Arruda & *alii*, 2006) e Moinho do Carvão, Odeleite (Freitas & Oliveira, 2007).



Os dois fragmentos identificados correspondem a 4% do conjunto total de bordos, evidenciando o mesmo fabrico, atribuível à área da Baía de Cádiz, sendo provenientes de contextos da Idade do Ferro (n.º 49) e romano-republicanos (n.º 52). Resta referir que o fragmento n.º 49 havia já sido publicado por Carlos Fabião (1998, vol. 3, fig. 85, n.º 2).

Fig. 3 Ânforas do subgrupo T-11.2.1.0.

Catálogo

N.º 49 - Fragmento de bordo de ânfora (T-11.2.1.6), com início do colo e diâmetro externo de 10,2 cm. Lábio espessado e vertical, bem diferenciado do colo. Insere-se no grupo de pastas 1-B. Espessura máxima do lábio 1,6 cm, e da parede do colo 0,7 cm. Amarelo-avermelhado (5 YR 7/6). Cozedura oxidante. M.C. 7 (95) A1 [287].

N.º 52 - Fragmento de bordo de ânfora (T-11.2.1.5.), com início do colo e diâmetro externo de 11 cm. Lábio espessado, com secção boleada e ligeiramente exvertido. Insere-se no grupo de pastas 1-B. Espessura máxima do lábio 1,2 cm, e da parede do colo 0,6 cm. Cinzento-claro (2.5 Y 7/2). Cozedura oxidante. M.C. 6 (94) A1 [204].

2.1.2. As T-8.1.1.2. (tipo *Tiñosa*)

Ânfora de tendência bicónica, com fundo em forma ogival e sem ombro. O colo constitui-se tão só como o prolongamento do corpo acima das asas, sendo o lábio, engrossado no interior, o seu remate. As asas são de forma e perfil circular, estabelecendo a divisão entre o colo e o corpo do recipiente. Herda, por assim dizer, o perfil da T-8.1.1.1., que resultou da evolução da T-1.3.2.3. em Ibiza (Ramón Torres, 1995), medindo cerca de 1,15 m de altura. Possui normalmente um engobe amarelo-claro ou esbranquiçado, aliás, presente nos dois exemplares de Mesas do Castelinho.

Quanto à área de produção deste tipo, embora não se tenham ainda identificado os fornos que o produziram, Carretero (2004) demonstrou recentemente num estudo arqueométrico que terá sido fabricado na área da *Campiña Gaditana*, entre os séculos IV e III a.C. O mesmo autor deixou claro que esta ânfora se destinava a transportar o azeite produzido naquela região.

Em Portugal, esta forma parece confinada à região algarvia, com excepção dos exemplares de Mesas do Castelinho, que correspondem simultaneamente à localização mais a norte e mais interior conhecida no actual território por-

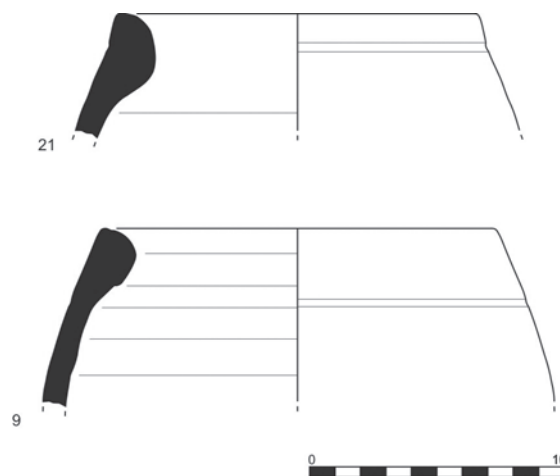


Fig. 4 Ânforas de tipo T-8.1.1.2.

tuguês. Está documentada em Monte Molião, Lagos (Sousa, 2005; Arruda & *alii*, 2008; Bargão, 2008), na foz do rio Arade (Diogo, Cardoso & Reiner, 2000), no Cerro da Rocha Branca (Gomes, 1993), em Faro (Arruda, Bargão & Sousa, 2005), em Tavira (Maia, 2004), em Castro Marim (Arruda, 2001) e no Cerro da Velha, Odeleite (Freitas & Oliveira, 2007).

Os dois fragmentos identificados em Mesas do Castelinho correspondem a 4% do conjunto de bordos, ambos apresentando as características pastas da *Campiña Gaditana*, fabrico, aliás, exclusivo desta forma no actual conjunto anfórico. O n.º 9 foi recolhido em níveis da Idade do Ferro e o n.º 21 identificado em recolha superficial, sendo que este último se encontra já publicado por Carlos Fabião (1998, vol. 3, fig. 85, n.4).

Catálogo

N.º 9 - Fragmento de bordo de ânfora (T-8.1.1.2.), com início do colo e diâmetro externo de 15,6 cm. Lábio espessado e invertido. Insere-se no grupo de pastas 2. Espessura máxima do lábio 1,9 cm, e da parede do colo 1 cm. Amarelo-avermelhado (5 YR 6/8). Cozedura redutora. Apresenta uma canelura na superfície externa, imediatamente abaixo do lábio. Apresenta um engobe de cor amarelada (2.5 Y 8/2) na superfície externa. M.C. 13 (01) B2 [382].

N.º 21 - Fragmento de bordo de ânfora (T-8.1.1.2.), com início do colo e diâmetro externo de 14,2 cm. Lábio espessado e invertido. Insere-se no grupo de pastas 2. Espessura máxima do lábio 2,1 cm, e da parede do colo 1 cm. Amarelo-avermelhado (5 YR 8/4). Cozedura redutora. Apresenta uma canelura na superfície externa, no início do lábio. Apresenta um engobe de cor bege (10 YR 8/4) na superfície externa. M.C. recolha de superfície.

2.1.3. As T-4.2.2.5. (tipo D de Pellicer)

Trata-se de um contentor de corpo cilíndrico, com fundo em botão e com cerca de 1 m de altura. O lábio apresenta-se como um prolongamento engrossado da parede do ombro, diferenciado por uma canelura e/ou ressalto. As asas localizam-se abaixo da curvatura do ombro e são de forma e secção circular. A sua forma e perfil denuncia a influência das ânforas cilindróides do Mediterrâneo central.

Esta forma parece ter sido produzida na área do estreito de Gibraltar e em Marrocos, estando documentada no forno III de Kuass (Ramón Torres, 1995). Com base nas características das pastas de ânforas dos tipos T-4.2.2.5. e Subgrupo T-12.1.1.0., exumadas no Castelo de São Jorge e Rua de São João da Praça, em Lisboa, e em Santarém, foi proposta a produção destas formas na área do vale do Tejo (Arruda, 2002, p. 211; Pimenta, 2005, p. 92), tendo ainda sido proposta a sua produção em Castro Marim (Arruda, 2001; Arruda & *alii*, 2006) onde se exumaram alguns exemplares deformados, aparentemente, devido à acção de sobrecozedura. Refira-se ainda o exemplar deste tipo recolhido nas escavações do Palácio do Marquês de Angeja, Lisboa (Filipe, Calado & Leitão, 2005), que apresenta igualmente características petrográficas associáveis às produções locais/regionais do vale do Tejo.

As três peças de Mesas do Castelinho parecem corresponder todas ao mesmo centro produtor, atribuível ao Sul peninsular.

Segundo Ramón Torres (1995, p. 194), terá sido produzida da segunda metade do século III a meados do século II a.C. Porém, os dados provenientes das intervenções arqueológicas de Castro Marim (Arruda, 2001), Cerro da Rocha Branca (Gomes, 1993) e Castelo de São Jorge (Pimenta,

2005), apontam para uma cronologia de produção mais lata, balizada entre meados do século IV e finais do século I a.C. Em Mesas do Castelinho dois dos exemplares desta forma foram recolhidos em níveis da Idade do Ferro, e um outro em contexto romano-republicano.

Quanto aos produtos transportados por estes recipientes anfóricos, o panorama é algo difuso. Poderiam ter servido para o transporte de produtos derivados da exploração de recursos marinhos, tendo sido encontrados exemplares nos níveis de abandono da fábrica pré-romana de salga de peixe de Las Redes, Cádiz (Frutos, Chic & Berriatua, 1988), e/ou para o transporte de vinho, já que se identificaram numerosas ânforas desta forma em contexto com estruturas relacionadas com a produção de vinho no povoado de Las Cumbres, Cádiz (Ruiz & Villedary, 1997), mantendo-se ainda em aberto a possibilidade do transporte de azeite, face à sua produção no Norte de África (Arruda, Bargão & Sousa, 2005).

No actual território português, estes modelos são conhecidos em Chões de Alpompe (Diogo & Trindade, 1993–1994), Alcáçova de Santarém (Arruda, 2002), em Lisboa, no Castelo de São Jorge (Pimenta, 2005), Rua de São João da Praça (Pimenta, Calado & Leitão, 2005) e Palácio do Marquês de Angeja (Filipe, Calado & Leitão, 2005), em Almada, na Quinta da Torre (Cardoso & Carreira, 1997–1998), em Beja (Grilo, 2006), Monte Molião (Bargão, 2006, 2008; Arruda & *alii*, 2008) em Silves, no Cerro da Rocha Branca (Gomes, 1993), em Faro (Arruda, Bargão & Sousa, 2005; Viegas, 2009), em Tavira (Maia, 2004), no Cerro do Cavaco (Fabião, 2003) e em Castro Marim (Arruda, 2001; Arruda & *alii*, 2006).

Os três fragmentos deste tipo recolhidos em Mesas do Castelinho apresentam fabrico idêntico, 1-B, atribuível à região gaditana, igualmente verificado em exemplares dos tipos T-8.2.1.1., T-9.1.1.1. e subgrupo T-11.2.1.0., representando 6% do conjunto total de bordos. O exemplar n.º 10 foi já publicado por Carlos Fabião (1998, vol. 3, fig. 85, n.º 3).

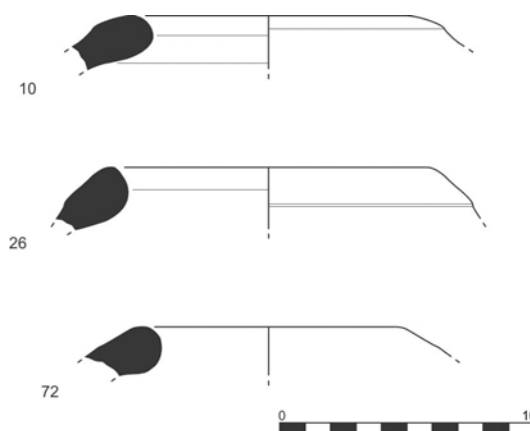


Fig. 5 Ânforas de tipo T-4.2.2.5.

Catálogo

N.º 10 - Fragmento de bordo de ânfora (4.2.2.5.), com início do colo e diâmetro externo de 11,6 cm. O lábio é em forma de amêndoa, invertido e delimitado do colo por um ressalto. Insere-se no grupo de pastas 1-B. Espessura máxima do lábio 1,7 cm, e da parede do colo 1,1. Cor rosa (5 YR 7/4). Cozedura oxidante. M.C. 7 (95) A1 [122].

N.º 26 - Fragmento de bordo de ânfora (T-4.2.2.5.), com início do colo e diâmetro externo de 13 cm. O lábio é em forma de amêndoa, invertido e delimitado do colo por um ressalto. Insere-se no grupo de pastas 1-B. Espessura máxima do lábio 1,8 cm, e da parede do colo 1 cm. Amarelo-avermelhado (7.5 YR 6/6). Cozedura oxidante. Apresenta um engobe de cor branca (10 YR 8/2) na superfície externa. M.C. 12 (00) B2 [166].

N.º 72 - Fragmento de bordo de ânfora (T-4.2.2.5.), com diâmetro externo de 10,08 cm. O lábio é em forma de amêndoa e invertido. Insere-se no grupo de pastas 1-B. Espessura máxima do lábio 1,8 cm. Amarelo-claro (5 Y 7/3). Cozedura oxidante. M.C. 12 (00) B2 [299].

2.1.4. As T-8.2.1.1. (*tipo Carmona*)

Trata-se de um recipiente de tendência cilíndrica, mais largo na parte superior e terminando em ogiva na parte inferior, que “herda”, em parte, o perfil da T-8.1.1.2. O colo é quase inexistente, sendo definido pela curta distância que medeia entre o bordo e o arranque das asas, muitas vezes preenchido com uma ou mais linhas incisadas. Os bordos são normalmente apenas um pouco espessados e de projecção ligeiramente exvertida ou vertical. As asas são de pequena dimensão e de forma e secção circular. Os exemplares completos conhecidos não ultrapassam os 95 cm de altura (Ramón Torres, 1995, p. 225). Em torno do segundo quartel do século III a.C. observam-se algumas alterações morfológicas, nomeadamente a redução do diâmetro dos bordos e diâmetro máximo, aparecimento de lábios diferenciados e progressiva redução do tamanho das asas (Sáez, 2008b, p. 153).

Este modelo anfórico foi principalmente produzido na Baía Gaditana (Perdigones & Muñoz, 1988; Carretero, 2004a; Sáez, Díaz & Montero, 2004), embora também em outros lugares da costa andaluza, e possivelmente em Sevilha, na Casa del Obispo (Carretero, 2004a), entre a primeira metade do século IV e finais do século II a.C. (Sáez, 2008a). Mais recentemente foi levantada a hipótese de uma produção africana em Kuass (Alaoui & Mlilou, 2007, *apud* Sáez, 2008a, p. 641). Manteve um ritmo de fabrico significativo até ao início do último quartel do século II a.C. (Sáez, 2008b, p. 153).

Relativamente aos conteúdos envasados nestas ânforas, Carretero (2004a) sugere um possível conteúdo oleícola ou vinícola para os exemplares fabricados na *Campiña Gaditana*, e piscícola para as produções da Baía de Cádiz, sugestão, aliás, partilhada por outros autores (Sáez, Díaz & Montero, 2004). O aparecimento, em Mesas do Castelinho, de um fragmento de bordo (n.º 17) desta forma ainda com restos de resina conservados na superfície interna parece corroborar a hipótese piscícola para as produções gaditanas. Tendo em conta este aspecto, bem como a localização junto à linha de costa dos fornos de Cádiz e a crescente indústria piscícola atestada durante este período naquela zona, estes contentores deveriam, como sugerem os referidos autores, servir para envasar e transportar produtos à base de preparados de peixe, sem, contudo, descartar totalmente a hipótese do transporte de vinho, que a prática de impermeabilizar o interior da ânfora com resina também admite.

No território actualmente português, para além dos exemplares de Mesas do Castelinho, esta forma está documentada no Monte Molião, Lagos (Arruda & *alii*, 2008; Bargão, 2008), Cerro da Rocha Branca (Gomes, 1993) e em Faro (Sousa, 2005), sempre em quantidades reduzidas. Pedro

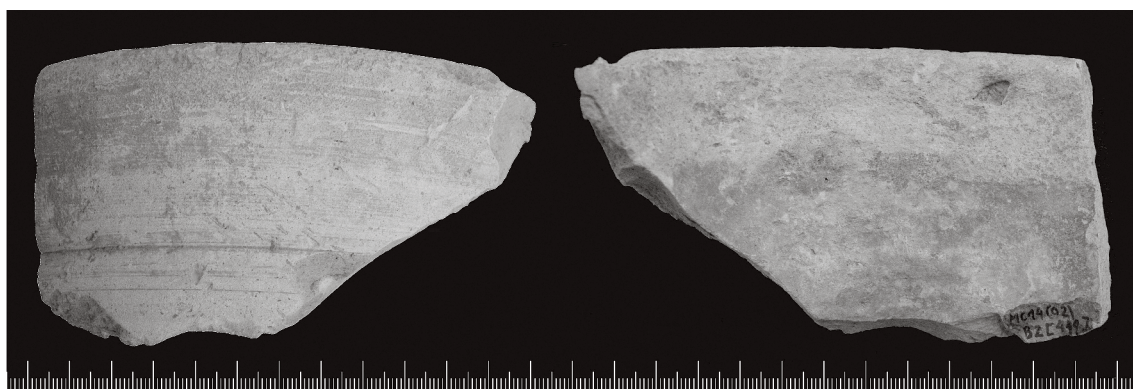


Fig. 6 Fragmento de bordo de T-8.2.1.1. com vestígios de resina conservados na superfície interna (imagem à direita).

Carretero, embora sem especificar o local e quantidades, refere ainda a existência destas ânforas em Lisboa e em Castro Marim (Carretero, 2004a, p. 428, fig. 1).

No actual território português e no estado actual dos conhecimentos, pode afirmar-se que as ânforas de tradição pré-romana estão mais representadas nas orlas costeiras e junto aos principais rios navegáveis, como seria de esperar, sendo diminuta a sua expressão no interior. Contudo, esta escassez em lugares do interior e mesmo o actual panorama de distribuição litoral podem ser ilusórios e resultar sobretudo de ausência de investigação e publicação, uma vez que não pensamos que o sítio de Mesas do Castelinho constitua uma excepção.

De qualquer modo, a expressão quantitativa das T-8.2.1.1. em Mesas do Castelinho, 23 exemplares representando 48% do conjunto de bordos, é bastante significativa face aos restantes tipos documentados neste sítio, da mesma forma que se destaca do número de ânforas de tradição pré-romana habitualmente presentes em outros sítios desta época no interior alentejano. O conjunto de T-8.2.1.1. de Mesas do Castelinho é também o mais numeroso que actualmente se conhece no território nacional, sendo que, nos outros locais onde está documentada, conforme já se referiu, esta forma surge sempre em número muito reduzido, o que só reforça a ideia que atrás se expressou de só poder ser explicado um tal fenómeno pela ausência de estudo e publicação de outros conjuntos.

Os exemplares aqui em estudo, todos de fabrico gaditano, foram recolhidos sobretudo em contextos da Idade do Ferro (cerca de metade), onde surgem desde os níveis mais antigos, e de Época Romana Republicana, podendo estes últimos representar produções tardias das T-8.2.1.1., situáveis nos finais do século II e inícios do século I a.C., ou resultarem de presenças residuais.

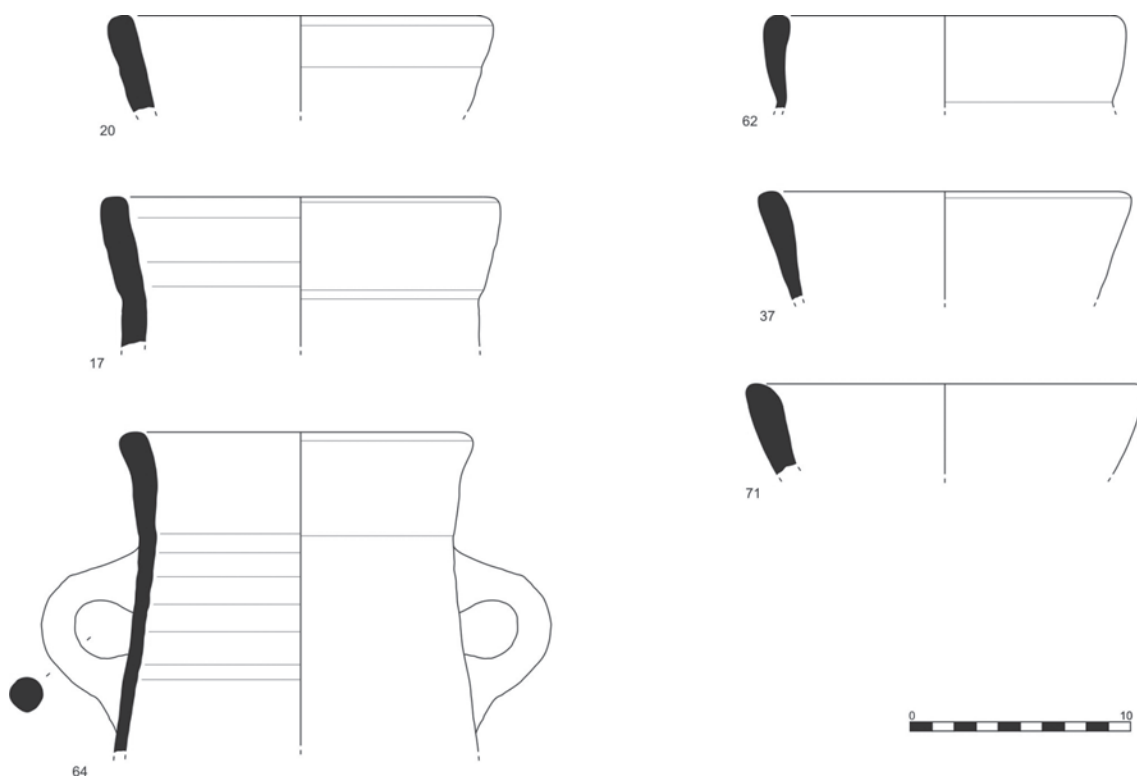


Fig. 7 Ânforas de tipo T-8.2.1.1.

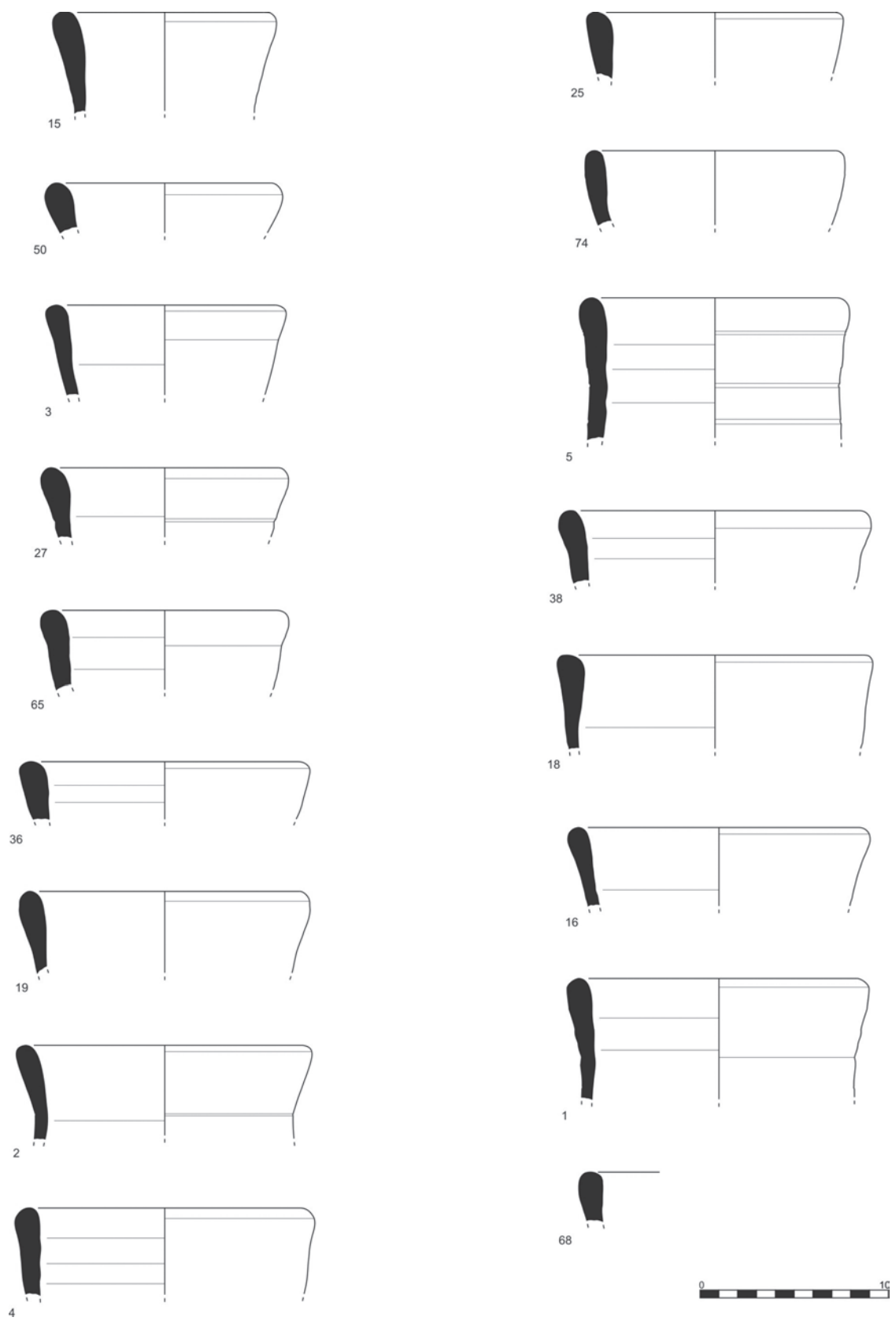


Fig. 8 Ânforas de tipo T-8.2.1.1.

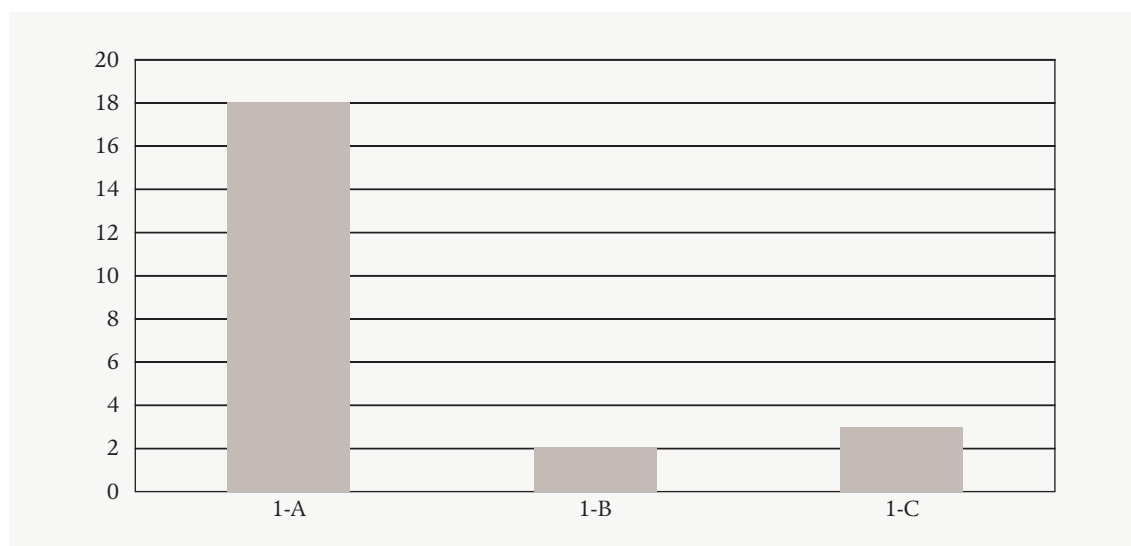


Fig. 9 Grupos de fabrico identificados nas ânforas de Tipo T-8.2.1.1.

Catálogo

- N.º 1** - Fragmento de bordo de ânfora (T-8.2.1.1.), com início do colo e diâmetro externo de 15,4 cm. Lábio espessado, com secção boleada e ligeiramente exvertido. Grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,3 cm, e da parede do colo 0,7 cm. Vermelho-claro (2.5 YR 6/8). Cozedura oxidante. Apresenta caneluras na superfície externa. M.C. 10 (98) A3 [123] e [121].
- N.º 2** - Fragmento de bordo de ânfora (T-8.2.1.1.), com início do colo e diâmetro externo de 15,4 cm. Lábio espessado, com secção boleada e ligeiramente exvertido. Insere-se no grupo de pastas 1-C. Espessura máxima do lábio 1,2 cm, e da parede do colo 0,7 cm. Cinzento-rosado (7.5 YR 7/2). Cozedura oxidante. M.C. 4 (92) A1 [43].
- N.º 3** - Fragmento de bordo de ânfora (T-8.2.1.1.) com diâmetro externo de 12 cm. Lábio espessado, com secção boleada e ligeiramente exvertido. Insere-se no grupo de pastas 1-A, tendo como espessura máxima do lábio 1,2 cm. Amarelo-avermelhado (5 YR 7/6). Cozedura oxidante. M.C. 14 (02) B3 [0].
- N.º 4** - Fragmento de bordo de ânfora (T-8.2.1.1.) com diâmetro externo de 15 cm. Lábio com secção boleada e ligeiramente exvertido. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,4 cm. Cor vermelha (2.5 YR 5/8). Cozedura oxidante. Apresenta um engobe de cor bege (10 YR 8/3) na superfície externa. M.C. 10 (98) A3 [138].
- N.º 5** - Fragmento de bordo de ânfora (T-8.2.1.1.), com início do colo e diâmetro externo de 13,4 cm. Lábio espessado, com secção boleada e ligeiramente exvertido. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,4 cm, e da parede do colo 0,9 cm. Cor rosa (5 YR 7/4). Cozedura oxidante. Possui caneluras na superfície externa. Apresenta um engobe de cor bege (10 YR 8/3) na superfície externa. M.C. 10 (98) A3 [89].
- N.º 15** - Fragmento de bordo de ânfora (T-8.2.1.1.), com início do colo e diâmetro externo de 11,4 cm. Lábio espessado, com secção boleada e ligeiramente exvertido. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,4 cm, e da parede do colo 0,6 cm. Vermelho-claro (2.5 YR 6/8). Cozedura oxidante. M.C. 7 (95) A1 [246].

- N.º 16** - Fragmento de bordo de ânfora (T-8.2.1.1.) com diâmetro externo de 15,4 cm. Lábio espessado, com secção boleada e ligeiramente exvertido. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,2 cm. Cor rosa (5 YR 7/4). Cozedura oxidante. M.C. 11 (99) B2 [125].
- N.º 17** - Fragmento de bordo de ânfora (T-8.2.1.1.), com início do colo e diâmetro externo de 17,6 cm. Lábio com secção boleada e ligeiramente exvertido. Insere-se no grupo de pastas 1-C. Espessura máxima do lábio 1,4 cm, e da parede do colo 1 cm. Cor castanha (7.5 YR 5/4). Cozedura oxidante. Apresenta restos de resina na superfície interna, cerca de 2,5 cm abaixo da linha do bordo. M.C. 14 (02) B2 [499].
- N.º 18** - Fragmento de bordo de ânfora (T-8.2.1.1.) com diâmetro externo de 16,4 cm. Lábio espessado, com secção boleada e ligeiramente exvertido. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,4 cm. Vermelho-claro (2.5 YR 6/8). Cozedura oxidante. M.C. 12 (00) B2 [197].
- N.º 19** - Fragmento de bordo de ânfora (T-8.2.1.1.) com diâmetro externo de 14,8 cm. Lábio espessado, com secção boleada e ligeiramente exvertido. Insere-se no grupo de pastas 1-B. Espessura máxima do lábio 1,3 cm. Cinzento-claro (2.5 Y 7/2). Cozedura oxidante. M.C. 11 (99) B2 [0].
- N.º 20** - Fragmento de bordo de ânfora (T-8.2.1.1.) com diâmetro externo de 16,8 cm. Lábio espessado, com secção boleada e ligeiramente exvertido. Insere-se no grupo de pastas 1-C. Espessura máxima do lábio 1,3 cm. Castanho-claro (7.5 YR 6/4). Cozedura oxidante. Apresenta caneluras na superfície externa. M.C. 13 (01) B2 [459].
- N.º 25** - Fragmento de bordo de ânfora (T-8.2.1.1.) com diâmetro externo de 13,4 cm. Lábio espessado, com secção boleada e ligeiramente exvertido. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,4 cm. Vermelho-claro (2.5 YR 6/8). Cozedura oxidante. M.C. 11 (99) A3 [88].
- N.º 27** - Fragmento de bordo de ânfora (T-8.2.1.1.) com diâmetro externo de 12,6 cm. Lábio espessado, com secção boleada e ligeiramente exvertido. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,4 cm. Vermelho-claro (2.5 YR 6/8). Cozedura oxidante. Possui uma canelura na superfície externa. M.C. 9 (97) A3 [93].
- N.º 36** - Fragmento de bordo de ânfora (T-8.2.1.1.) com diâmetro externo de 15 cm. Lábio espessado, com secção boleada e ligeiramente exvertido. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,4 cm. Amarelo-avermelhado (5 YR 6/6). Cozedura oxidante. M.C. 6 (94) A1 [236].
- N.º 37** - Fragmento de bordo de ânfora (T-8.2.1.1.) com diâmetro externo de 16,4 cm. Lábio espessado, com secção boleada e ligeiramente exvertido. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,4 cm. Vermelho-claro (2.5 YR 6/8). Cozedura oxidante. M.C. 7 (95) A1 [260].
- N.º 38** - Fragmento de bordo de ânfora (T-8.2.1.1.) com diâmetro externo de 16,4 cm. Lábio espessado, com secção boleada e ligeiramente exvertido. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,3 cm. Cor rosa (5 YR 7/4). Cozedura oxidante. M.C. 4 (92) A1 [98].
- N.º 50** - Fragmento de bordo de ânfora (T-8.2.1.1.) com diâmetro externo de 12,2 cm. Lábio espessado, com secção boleada e ligeiramente exvertido. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,6 cm. Vermelho-claro (2.5 YR 6/8). Cozedura oxidante. M.C. 7 (95) A1 [287].

- N.º 62** - Fragmento de bordo de ânfora (T-8.2.1.1.) com diâmetro externo de 16 cm. Lábio espessado, arqueado, com secção boleada e ligeiramente exvertido. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,2 cm, e do colo 0,4 cm. Vermelho-claro (2.5 YR 6/8). Cozedura oxidante. Apresenta um engobe de cor branca (10 YR 8/2). M.C. 6 (94) A1 [220].
- N.º 64** - Fragmento de bordo de ânfora (T-8.2.1.1.), com parte superior do corpo e asa. O diâmetro externo é de 16,08 cm. Lábio espessado, com secção boleada e ligeiramente exvertido. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,3 cm, da parede 0,6 cm e da asa 1,6 cm. Amarelo-avermelhado (5 YR 7/8). Cozedura oxidante. M.C. 12 (00) B2 [205].
- N.º 65** - Fragmento de bordo de ânfora (T-8.2.1.1.) com diâmetro externo de 13,04 cm. Lábio espessado, com secção boleada e ligeiramente exvertido. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,4 cm. Amarelo-avermelhado (5 YR 6/8). Cozedura oxidante. M.C. 10 (98) A3 [122].
- N.º 68** - Fragmento de bordo de ânfora (T-8.2.1.1.) de diâmetro indeterminado. Lábio ligeiramente espessado com secção boleada. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,3 cm. Amarelo-avermelhado (5 YR 6/8). Cozedura oxidante. M.C. 11 (99) B2 [130].
- N.º 71** - Fragmento de bordo de ânfora (T-8.2.1.1.) com diâmetro externo de 18,04 cm. Lábio espessado, com secção boleada e ligeiramente exvertido. Insere-se no grupo de pastas 1-B. Espessura máxima do lábio 1,4 cm. Amarelo-avermelhado (5 YR 6/6). Cozedura oxidante. M.C. 14 (02) B3 [57].
- N.º 74** - Fragmento de bordo de ânfora (T-8.2.1.1.) com diâmetro externo de 14,01 cm. Lábio espessado, ligeiramente arqueado, com secção boleada e ligeiramente exvertido. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,1 cm, e da parede 0,7 cm. Vermelho-claro (2.5 YR 6/8). Cozedura oxidante. M.C. 13 (01) B2 [467].

2.1.5. As T-9.1.1.1. (tipo CC.NN.)

Esta ânfora apresenta uma forma cilíndrica, terminando com fundo em ônfalo. O bordo constitui-se como um prolongamento do corpo, vertical, sendo apenas diferenciado por uma canelura e por um espessamento interno. Não apresenta colo, na medida em que as asas, de forma e secção circular, arrancam directamente do bordo ou da canelura que separa aquele da parede. São recipientes de pequena dimensão e de reduzida capacidade, não ultrapassando os 70 cm de altura máxima e os 28 cm de diâmetro máximo (Ramón Torres, 1995, pp. 226–227; García, 1998, pp. 63–64).

Foi inicialmente individualizada por E. Sanmartí Grego (1985) no âmbito do estudo dos materiais arqueológicos recolhidos por Schulten nas escavações dos acampamentos romanos do cerco de Numância, tendo sido posteriormente classificada por Muñoz (1987) com a denominação E2 de Cádiz, e por Ramón Torres (1995) no tipo T-9.1.1.1.

Este modelo parece afirmar-se na sequência da forma T-8.2.1.1., embora ambas tenham sido utilizadas simultaneamente durante um certo período (Ramón Torres, 1995, p. 226), verificando-se a sua produção contemporânea, por exemplo, em Torre Alta (San Fernando) durante a primeira metade do século II a.C. (García, 1998, p. 64) e em Pery Junquera (Carretero, 2004, p. 437). Trata-se, portanto, de uma ânfora que, de algum modo, pode considerar-se inspirada em modelos púnicos ocidentais.

A sua cronologia está bem documentada pelas fontes histórico-arqueológicas nos acampamentos republicanos de circunvalação a Numância, 133/134 a.C. (Sanmartí, 1985), nos níveis de fundação de Valência, 138 a.C. (Ribera, 1998), e no naufrágio da Ilha Pedrosa (Guerrero & Roldán, 1992), bem como nos contextos do castelo de São Jorge (Pimenta, 2005).

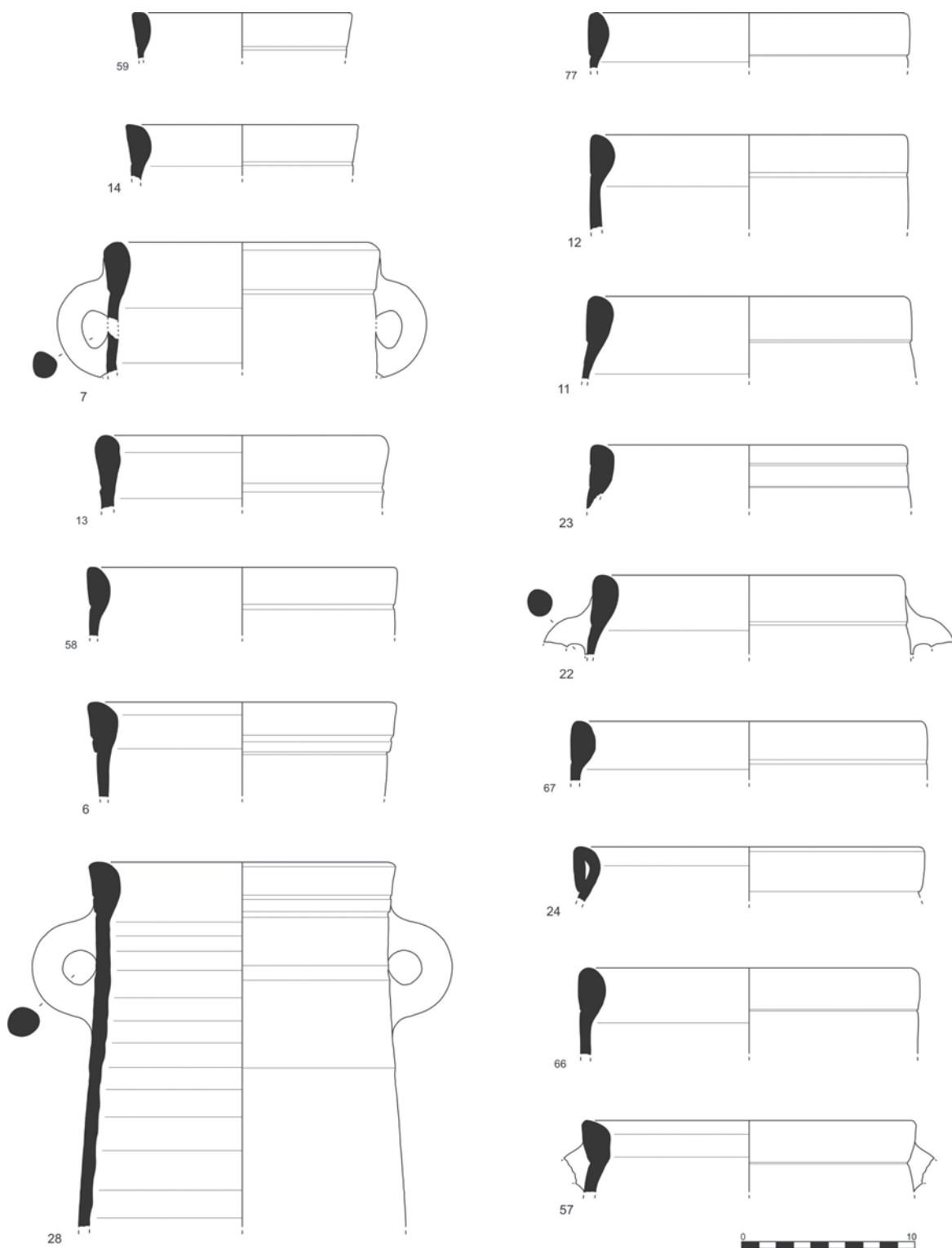


Fig. 10 Ânforas de tipo T-9.1.1.1.

Embora fosse sobretudo típica da segunda metade do século II a.C., a produção deste modelo anfórico ter-se-á iniciado em finais do século III e finalizado possivelmente não muito dentro do século I a.C. (Ramón Torres, 1995, p. 227; Sáez, 2008a, p. 647). Foi produzida na cidade de Cádiz, nos fornos de La Torre Alta (Perdigones & Muñoz, 1988), Pery Junquera, San Fernando (González & *alii*, 2000; Carretero, 2004), e em Ibiza (Ramón Torres, 1995).

Destinava-se ao transporte de preparados de peixe (Ramón Torres, 1995; García, 1998), como bem atestam as estampilhas sobre estas formas encontradas nos fornos de San Fernando, La Torre Alta, e na fábrica pré-romana de salga de peixe da Praça de Asdrúbal em Cádiz, que revelam representações de atuns e uma figura humana a envasar atum numa ânfora do Subgrupo 9.1.1.0. (García, 1998; Perdigones & Muñoz, 1988; Ramón Torres, 1995).

No nosso território, à luz dos dados actuais, estas ânforas surgem sempre em contextos romanos republicanos e normalmente em quantidades não muito elevadas, conhecendo-se exemplares em Santarém (Arruda, 2002; Arruda, Viegas & Bargão, 2005), Chões de Al pompé (Diogo, 1993), em diversos locais de Lisboa (Pimenta, 2007; Filipe, 2008), em Beja (Grilo, 2006), no Monte Molião, Lagos (Bargão, 2006), em Faro (Bargão, 2006; Viegas, 2009) e em Castro Marim (Arruda & *alii*, 2006).

A presença de T-9.1.1.1. em quantidades significativas em Mesas do Castelinho, apenas equiparável ao caso de Lisboa, onde se conhecem cerca de 23 exemplares (Pimenta, 2007; Filipe, 2008), e Chões de Al pompé (Diogo, 1993; Diogo & Trindade, 1993–1994), poderá estar relacionada, por um lado, com a presença de contingentes militares romanos (tal como acontece no vale do Tejo), por outro, com a aparente precoce chegada destes contentores a este sítio do interior alentejano, sendo que estas hipóteses não se excluem mutuamente.

Trata-se do segundo tipo mais bem representado em Mesas do Castelinho, tendo-se identificado 16 exemplares, 34% do conjunto total de bordos, e três fabricos distintos, todos atribuíveis à Baía Gaditana.

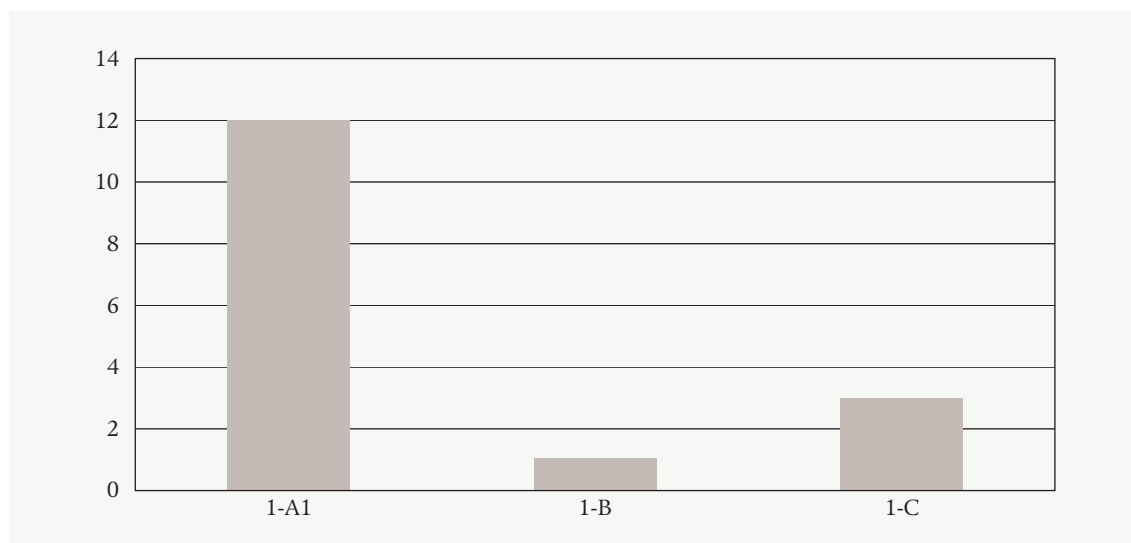


Fig. 11 Grupos de fabrico identificados nas ânforas de Tipo T-9.1.1.1.

Catálogo

- N.º 6** - Fragmento de bordo de ânfora (T-9.1.1.1.), com início do corpo e diâmetro externo de 17,6 cm. Lábio espessado no interior e vertical no exterior. Insere-se no grupo de pastas 1-C. Espessura máxima do lábio 1,6 cm, e da parede do corpo 1 cm. Amarelo-avermelhado (7.5 YR 6/6). Cozedura oxidante. Apresenta uma canelura imediatamente abaixo do lábio e outra na zona do lábio. M.C. 12 (00) B2 [239].
- N.º 7** - Fragmento de bordo de ânfora (T-9.1.1.1.), com início do corpo e asa. O diâmetro externo é de 15,6 cm. Lábio espessado em forma de amêndoa, vertical. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,6 cm, e da parede do corpo 0,8. Amarelo-avermelhado (5 YR 6/8). Cozedura oxidante. Possui uma canelura na superfície externa, imediatamente abaixo do lábio. M.C. 10 (98) A3 [145].
- N.º 11** - Fragmento de bordo de ânfora (T-9.1.1.1.), com início do corpo e diâmetro externo de 18,2 cm. Lábio espessado em forma de amêndoa, vertical. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,6 cm, e da parede do corpo 0,6 cm. Vermelho-claro (2.5 YR 6/8). Cozedura oxidante. Possui uma canelura na superfície externa, imediatamente abaixo do lábio. Apresenta um engobe de cor bege (10 YR 8/3) na superfície externa. M.C. 10 (98) A3 [145].
- N.º 12** - Fragmento de bordo de ânfora (T-9.1.1.1.), com início do corpo e diâmetro externo de 18,2 cm. Lábio espessado no interior e vertical no exterior. Insere-se no grupo de pastas 1-C. Espessura máxima do lábio 1,4 cm, e da parede do corpo 0,7 cm. Castanho-claro (7.5 YR 6/4). Cozedura oxidante. Apresenta uma canelura na superfície externa, imediatamente abaixo do lábio. M.C. 10 (98) A3 [145].
- N.º 13** - Fragmento de bordo de ânfora (T-9.1.1.1.) com diâmetro externo de 16,2 cm. Lábio espessado, com secção boleada e vertical. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,5 cm. Vermelho-claro (2.5 YR 6/6). Cozedura oxidante. Possui uma canelura na superfície externa e esteve exposto à acção de fogo. M.C. 7 (95) A1 [272].
- N.º 14** - Fragmento de bordo de ânfora (T-9.1.1.1.), com início do corpo e diâmetro externo de 13,4 cm. Lábio espessado no interior e vertical no exterior. Insere-se no grupo de pastas 1-B. Espessura máxima do lábio 1,3 cm, e da parede do corpo 0,6 cm. Amarelo-avermelhado (5 YR 7/6). Cozedura oxidante. Apresenta uma canelura na superfície externa, imediatamente abaixo do lábio. M.C. 14 (02) B3 [53].
- N.º 22** - Fragmento de bordo de ânfora (T-9.1.1.1.), com início do corpo e arranque de asa. O diâmetro externo é de 17,8 cm. Lábio espessado em forma de amêndoa, vertical. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,5 cm, e da parede do corpo 1 cm. Amarelo-avermelhado (5 YR 6/8). Cozedura oxidante. Apresenta uma canelura na superfície externa, imediatamente abaixo do lábio. M.C. 11 (99) A3 [145].
- N.º 23** - Fragmento de bordo de ânfora (T-9.1.1.1.), com início do corpo e diâmetro externo de 18,2 cm. Lábio espessado em forma de amêndoa e vertical. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,4 cm. Vermelho-claro (2.5 YR 6/6). Cozedura oxidante. Possui uma canelura imediatamente abaixo do lábio e outras duas na zona do lábio. Apresenta um engobe de cor branca (2.5 Y 8/2) na superfície externa, e sinais de ter estado sob a acção de fogo. M.C. 12 (00) B2 [257].
- N.º 24** - Fragmento de bordo de ânfora (T-9.1.1.1.), com início do corpo e diâmetro externo de 20,2 cm. Lábio dobrado para o exterior e vertical. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,7 cm, e da parede do corpo 0,5 cm. Vermelho-claro (2.5 YR 6/8).

Cozedura oxidante. Possui uma canelura na superfície externa, imediatamente abaixo do lábio. Apresenta um engobe de cor bege (10 YR 8/3) na superfície externa. M.C. 6 (94) A1 [230].

N.º 28 - Fragmento de bordo de ânfora (T-9.1.1.1.), com parte do corpo e asa. O diâmetro externo é de 16,6 cm. Lábio espessado no interior e vertical no exterior. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,5 cm, e da parede do corpo 0,7 cm. Amarelo-avermelhado (5 YR 7/8). Cozedura oxidante. Apresenta uma canelura imediatamente abaixo do lábio e outra na zona do lábio. M.C. 10 (98) B2 [77].

N.º 57 - Fragmento de bordo de ânfora (T-9.1.1.1.), com início de parede e arranque de asa muito fragmentada. Diâmetro externo de 19,4 cm. Lábio espessado e vertical, bem diferenciado da parede. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,6 cm, e da parede do colo 0,7 cm. Amarelo-avermelhado (5 YR 7/8). Cozedura oxidante. Apresenta um engobe de cor branca (10 YR 8/2) na superfície externa. M.C. 11 (99) A3 [183].

N.º 58 - Fragmento de bordo de ânfora (T-9.1.1.1.), com parte do corpo. O diâmetro externo é de 18 cm. Lábio espessado no interior e vertical no exterior. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,3 cm, e da parede do corpo 0,6 cm. Amarelo-avermelhado (5 YR 6/8). Cozedura oxidante. Apresenta uma canelura imediatamente abaixo do lábio. M.C. 10 (98) A3 [122] e [103].

N.º 59 - Fragmento de bordo de ânfora (T-9.1.1.1.), com parte do corpo. O diâmetro externo é de 12,8 cm. Lábio espessado no interior e vertical no exterior. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1 cm, e da parede do corpo 0,3 cm. Amarelo-avermelhado (5 YR 6/8). Cozedura oxidante. Apresenta uma canelura imediatamente abaixo do lábio. M.C. 10 (98) A3 [103].

N.º 66 - Fragmento de bordo de ânfora (T-9.1.1.1.), com início do corpo e diâmetro externo de 20 cm. Lábio espessado no interior e vertical no exterior. Insere-se no grupo de pastas 1-C. Espessura máxima do lábio 1,6 cm, e da parede do corpo 0,6 cm. Cor bege (10 YR 7/3). Cozedura oxidante. Apresenta uma canelura na superfície externa, imediatamente abaixo do lábio. M.C. 13 (01) B2 [426].

N.º 67 - Fragmento de bordo de ânfora (T-9.1.1.1.), com início do corpo e diâmetro externo de 20,08 cm. Lábio espessado no interior e vertical no exterior. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,4 cm, e da parede do corpo 0,6 cm. Amarelo-avermelhado (5 YR 7/8). Cozedura oxidante. Apresenta uma canelura na superfície externa, imediatamente abaixo do lábio. M.C. 11 (99) A3 [145].

N.º 77 - Fragmento de bordo de ânfora (T-9.1.1.1.), com início do corpo e diâmetro externo de 18,08 cm. Lábio espessado no interior e vertical no exterior. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima do lábio 1,2 cm, e da parede do corpo 0,5 cm. Amarelo-avermelhado (5 YR 7/8). Cozedura oxidante. Apresenta uma canelura na superfície externa, imediatamente abaixo do lábio. M.C. 11 (91) B2 [132].

2.1.6. Ânforas de produção local/regional

Trata-se de um recipiente sem colo, de bordo invertido, cujo lábio se constitui como o remate final da parede, apenas diferenciado desta por uma depressão. A parede apresenta várias estrias e é inclinada. No caso do exemplar n.º 78, o lábio é espessado e apresenta perfil amendoado, destacando-se da parede através de um ressalto bem marcado.

Apresentam um fabrico (2-B) assimilável ao das cerâmicas maioritariamente presentes em Mesas do Castelinho, correspondendo, portanto, a produções locais/regionais.

A questão da produção de recipientes anfóricos durante a Idade do Ferro no território nacional tem sido levantada por vários autores (Diogo & *alii*, 1990; Fabião, 1998; Maia, 2004; Pimenta, 2005; Antunes, 2005; Grilo, 2006; Arruda & *alii*, 2006), embora não se tenha ainda logrado identificar os fornos que as fabricaram, com as hipotéticas exceções de Alcácer do Sal (Diogo & *alii*, 1990) e de Tavira (Maia, 2004).

Os exemplares identificados em Mesas do Castelinho, não sendo os únicos conhecidos, remetem para outra problemática, relacionada com a aparente produção de ânforas durante a Idade do Ferro no interior alentejano ou interior da Alta Andaluzia/Baixa Extremadura, bem como com a verdadeira função e moldes em que eram utilizados estes contentores, de clara inspiração nos modelos fenício-púnicos, enquadrando-se no leque de produções indígenas tidas como claras imitações de modelos exógenos.

Embora com algumas diferenças a nível morfológico, foram identificadas algumas ânforas de clara inspiração nos protótipos sul-peninsulares, exibindo fabricos locais ou regionais, na cidade de Beja (Grilo, 2006), no Castro da Azougada, Moura (Antunes, 2005) e na Herdade da Sapatoa, Redondo (Mataloto, 2004). Produções similares são conhecidas na Baixa Extremadura e na Alta Andaluzia, em locais como Cancho Roano (Guerrero, 1991), Medellín (Almagro, 1977), Capote (Berrocal, 1994), La Mata (Rodríguez, 2004) e El Turuñuelo (Jiménez & Domínguez, 1995), para apenas citar alguns dos mais conhecidos.

Contudo, os exemplares de Mesas do Castelinho afastam-se um pouco das ânforas conhecidas nos locais atrás mencionados, com excepção de Capote (Berrocal, 1994) de onde provêm as peças morfológicamente mais parecidas às que aqui se apresentam, igualmente de fabrico local/regional.

Relativamente à funcionalidade destas ânforas, Carlos Fabião (1998) refere-se ao caso do Castro da Azougada, onde se conhece um exemplar inteiro, questionando se a função destes recipientes seria a mesma dos contentores que lhe serviram de inspiração, sugerindo uma apropriação formal das peças mas para uma função que poderia ser completamente distinta. A sua utilização, ou reutilização, enquanto recipientes de armazenagem está arqueologicamente atestada, por exemplo, em Cancho Roano (Guerrero, 1991) e na Herdade da Sapatoa (Mataloto, 2004), não se podendo, contudo, descartar a sua participação, sobretudo no caso dos exemplares de menor dimensão, num comércio de média ou mesmo longa distância (Guerrero, 1991; Rodríguez & Ortiz, 2004; Antunes, 2005), provavelmente mais circunscrito às regiões interiores.

No caso de Cancho Roano (Guerrero, 1991), as análises realizadas sobre resíduos orgânicos conservados no interior de algumas ânforas permitiu identificar a presença de trigo, cevada, favas e amêndoas, o que evidencia claramente uma função de armazenagem daqueles recipientes, ainda que se possa argumentar que esses vestígios se possam reportar a uma utilização secundária. Já em La Mata (Rodríguez & Ortiz, 2004), os vestígios documentados no interior de algumas ânforas correspondem aos produtos habitualmente transportados naquele tipo de contentores, tendo sido identificada a presença de cerveja, vinho, azeite, preparados piscícolas e uma conserva de frutos em vinho ou vinagre com mel. Aparentemente, nestas produções não existia uma associação directa entre conteúdo e tipo de ânfora (Rodríguez & Ortiz, 2004; Antunes, 2005).

Cronologicamente, estas produções parecem ter-se iniciado a partir do século VI a.C., tendo os exemplares de Mesas do Castelinho sido recolhidos em contextos do século IV ou III a.C. Os dois fragmentos de bordo correspondem a 4% do conjunto total de bordos, exibindo fabrico similar.

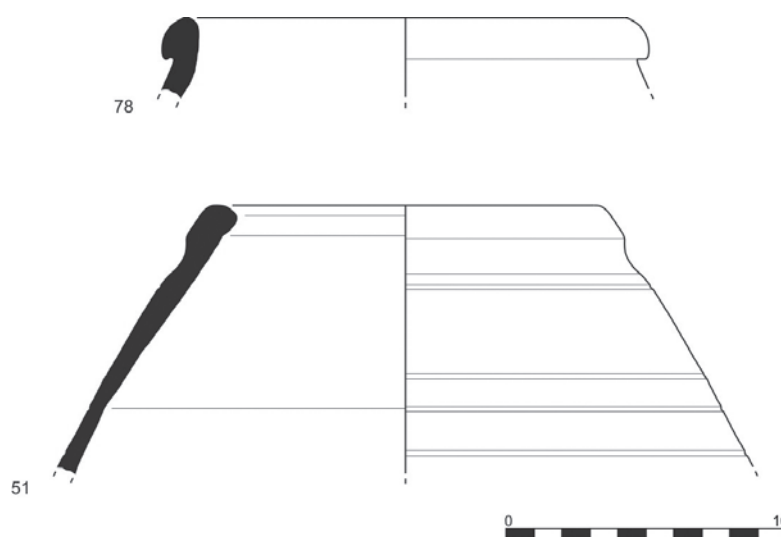


Fig. 12 Ânforas de produção local ou regional.

Catálogo

N.º 51 - Fragmento de bordo de ânfora (tipologia indeterminada), com parte do colo e diâmetro externo de 14,4 cm. Lábio invertido, com secção boleada, diferenciado da parede por uma depressão. Insere-se no grupo de pastas 3-B. Espessura máxima do lábio 1,3 cm, e da parede do colo 0,9 cm. Vermelho-amarelado (5 YR 5/6). Cozedura oxidante. Apresenta várias caneluras na superfície externa. M.C. 6 (94) A1 [234].

N.º 78 - Fragmento de bordo de ânfora (tipologia indeterminada), com arranque do colo e diâmetro externo de 17,04 cm. Lábio invertido, espessado externamente, com secção amendoada e com pequena aba pendente. Insere-se no grupo de pastas 3-B. Espessura máxima do lábio 1,4 cm, e da parede 0,8 cm. Vermelho-amarelado (5 YR 5/6). Cozedura oxidante. M.C. 11 (99) B2 [132].

2.1.7. Ânforas de difícil classificação

Foi ainda recolhido um conjunto de 28 fragmentos de asas e cinco fundos de ânforas de tradição pré-romana, cujas características morfológicas não permitem a sua correcta classificação tipológica. Os fabricos identificados nestas peças não diferem daqueles que se observaram nos fragmentos de bordo, apresentando características imputáveis às produções sul-peninsulares e a produções locais ou regionais.

Catálogo

N.º 8 - Fragmento de fundo e bojo de ânfora (tipologia indeterminada). Espessura máxima da parede 1,5 cm. Insere-se no grupo de pastas 1-A. Vermelho-claro (2.5 YR 6/8). Cozedura oxidante. Apresenta um engobe de cor bege (10 YR 8/4) na superfície externa. M.C. 10 (98) B2 [76].

- N.º 29** - Fragmento de fundo e bojo de ânfora (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima da parede do bojo 0,7 cm. Cor vermelha (2.5 YR 5/8). Cozedura oxidante. M.C. 5 (93) A1 [corte Z].
- N.º 30** - Fragmento de fundo e bojo de ânfora (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 1-B. Espessura máxima da parede do bojo 0,8 cm. Amarelo-avermelhado (5 YR 7/6). Cozedura oxidante. Apresenta um engobe de cor branca (10 YR 8/2) na superfície externa. M.C. 12 (00) B2 [314].
- N.º 31** - Fragmento de bojo, com asa anelar de secção transversal circular com 1,5 cm de espessura (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 1-B. Amarelo-claro (2.5 Y 7/4). Cozedura oxidante. M.C. 6 (94) A1 [204].
- N.º 32** - Fragmento de bojo, com asa anelar de secção transversal circular com 1,4 cm de espessura (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 1-C. Cor rosa. Cozedura oxidante. M.C. 10 (98) A3 [145].
- N.º 33** - Fragmento de bojo, com asa anelar de secção transversal circular com 1,7 cm de espessura (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 3-A. Cor vermelha (2.5 YR 5/8). Cozedura oxidante. M.C. 10 (98) B2 [89].
- N.º 34** - Fragmento de bojo, com asa anelar de secção transversal oval com 2,3 cm de espessura (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 1-C. Cinzento-claro (2.5 Y 7/2). Cozedura oxidante. M.C. 8 (96) B1 [15].
- N.º 35** - Fragmento de bojo, com asa anelar de secção transversal circular de 1,8 cm com espessura (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 1-A. Castanho-claro (7.5 YR 6/4). Cozedura oxidante. M.C. (1989) A/B [0].
- N.º 39** - Fragmento de asa anelar de secção transversal circular com 2,1 cm de espessura (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 1-A. Amarelo-avermelhado (5 YR 6/8). Cozedura oxidante. M.C. 11 (99) A1 [136].
- N.º 40** - Fragmento de asa anelar de secção transversal circular com 2 cm de espessura (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 1-B. Cinzento-claro (2.5 Y 7/2). Cozedura oxidante. M.C. 10 (98) B2 [74].
- N.º 41** - Fragmento de asa anelar de secção transversal oval com 1,9 cm de espessura (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 1-A. Vermelho-claro (2.5 YR 6/8). Cozedura oxidante. Apresenta um engobe de cor bege (10 YR 8/4) na superfície externa. M.C. 4 (92) A1 [131].
- N.º 42** - Fragmento de asa anelar de secção transversal oval com 2,4 cm de espessura (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 1-C. Amarelo-avermelhado (7.5 YR 6/6). Cozedura oxidante. M.C. 14 (02) B2 [499].
- N.º 43** - Fragmento de asa anelar de secção transversal oval com 2 cm de espessura (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 1-A. Amarelo-avermelhado (5 YR 7/8). Cozedura oxidante. M.C. 8 (96) A3 [6].
- N.º 44** - Fragmento de parede com asa anelar de secção transversal circular com 2 cm de espessura (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 1-A. Castanho-claro (7.5 YR 6/4). Cozedura oxidante. Apresenta um engobe de cor bege (10 YR 8/3) na superfície externa. M.C. 7 (95) A1 [272].
- N.º 45** - Fragmento de asa anelar de secção transversal oval com 2,1 cm de espessura (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 1-A. Castanho-claro (7.5 YR 6/4). Cozedura oxidante. Apresenta um engobe de cor bege (10 YR 8/3) na superfície externa. M.C. 9 (97) B2 [1].

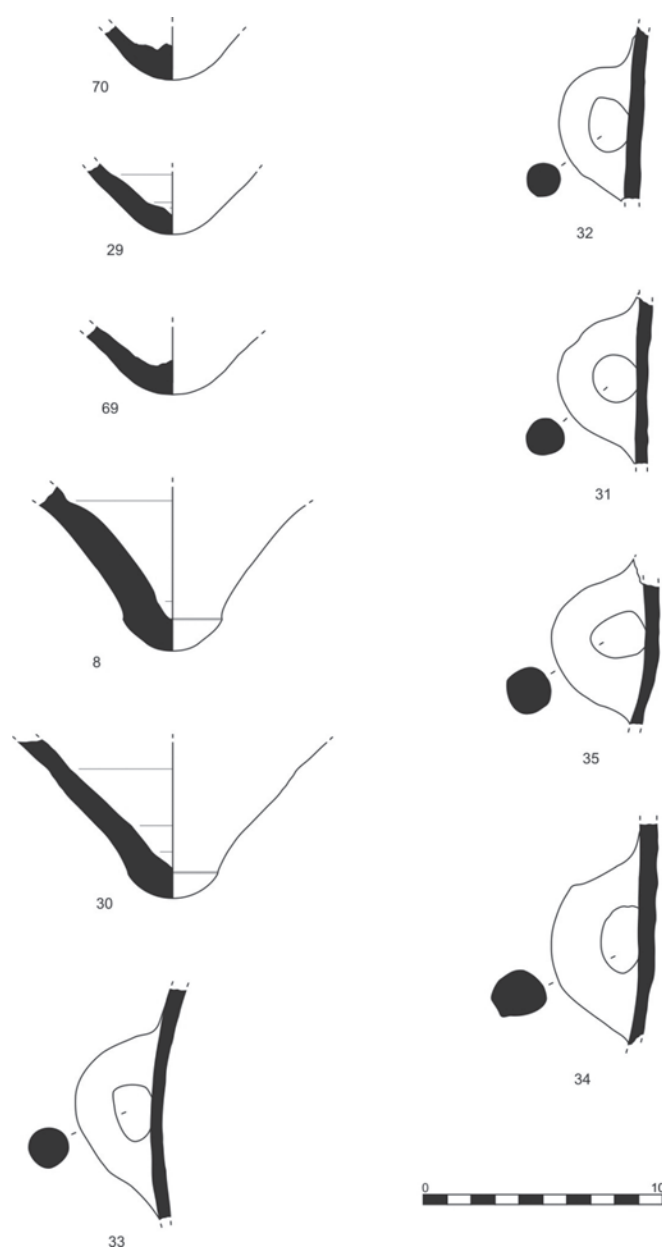


Fig. 13 Fundos e asas de ânfora de difícil classificação.

N.º 46 - Fragmento de parede com asa anelar de secção transversal circular com 2,1 cm de espessura (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 1-B. Amarelo-claro (5 Y 7/3). Cozedura oxidante. M.C. 8 (96) A1 [287].

N.º 47 - Fragmento de parede com arranque de asa anelar muito fragmentada (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 1-A. Cor vermelha (2.5 YR 5/8). Cozedura oxidante. M.C. 7 (95) A1 [287].

N.º 48 - Fragmento de asa anelar de secção transversal circular com 2,3 cm de espessura (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 1-A. Amarelo-avermelhado (5 YR 7/8). Cozedura oxidante. Apresenta um engobe de cor bege (10 YR 8/3) na superfície externa. M.C. 7 (95) A1 [287].

- N.º 53** - Fragmento de asa anelar de secção transversal circular com 2,3 cm de espessura (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 1-A. Cor vermelha (2.5 YR 5/8). Cozedura oxidante. M.C. 8 (96) B1 [15].
- N.º 54** - Fragmento de parede com arranque de asa anelar de secção transversal oval com 2 cm de espessura (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 3-A. Vermelho-claro (2.5 YR 6/8). Cozedura redutora. M.C. 12 (00) B2 [223].
- N.º 55** - Fragmento de parede com arranque de asa anelar de secção transversal oval com 1,7 cm de espessura (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 3-A. Cor vermelha (2.5 YR 4/6). Cozedura redutora. M.C. 14 (02) B3 [81].
- N.º 56** - Fragmento de parede com arranque de asa anelar muito fragmentada (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 1-A. Vermelho-claro (2.5 YR 6/8). Cozedura oxidante. M.C. 6 (94) A1 [230].
- N.º 60** - Fragmento de asa anelar de secção transversal oval com 2 cm de espessura (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 3-A. Vermelho (2.5 YR 5/8). Cozedura redutora. M.C. 4 (92) A1 [131].
- N.º 61** - Fragmento de asa anelar de secção transversal oval com 2,1 cm de espessura (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 3-A. Vermelho (2.5 YR 5/6). Cozedura redutora. M.C. 10 (98) A3 [103].
- N.º 63** - Fragmento de asa anelar de secção transversal oval com 2,3 cm de espessura (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 3-A. Vermelho-amarelado (5 YR 5/6). Cozedura redutora. M.C. 10 (98) A3 [134].
- N.º 69** - Fragmento de fundo e bojo de ânfora (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima da parede do bojo 0,7 cm. Amarelo-avermelhado (5 YR 7/8). Cozedura oxidante. M.C. 12 (00) B2 [199].
- N.º 70** - Fragmento de fundo de ânfora (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 1-A. Espessura máxima da parede do bojo 0,7 cm. Cor vermelha (2.5 YR 5/8). Cozedura oxidante. M.C. 14 (02) B3 [7].
- N.º 73** - Fragmento de asa anelar de secção transversal circular com 2,1 cm de espessura (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 1-A. Amarelo-avermelhado (5 YR 7/8). Cozedura redutora. M.C. 9 (97) B2 [23].
- N.º 75** - Fragmento de asa anelar de secção transversal circular com 2,1 cm de espessura (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 1-A. Vermelho-claro (2.5 YR 6/8). Cozedura redutora. M.C. 13 (01) B2 [456].
- N.º 76** - Fragmento de asa anelar de secção transversal circular com 2,4 cm de espessura (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 3-A. Cor vermelha (2.5 YR 5/8). Cozedura oxidante. M.C. 13 (01) B2 [426].
- N.º 79** - Fragmento de asa anelar de secção transversal circular com 2,1 cm de espessura (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 3-A. Cor vermelha (2.5 YR 5/8). Cozedura oxidante. M.C. 14 (02) B3 [53].
- N.º 80** - Fragmento de asa anelar de secção transversal circular com 2,3 cm de espessura (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 1-A. Vermelho-claro (2.5 YR 6/8). Cozedura redutora. M.C. 14 (02) B2 [499].
- N.º 81** - Fragmento de asa anelar de secção transversal circular com 2 cm de espessura (tipologia indeterminada). Insere-se no grupo de pastas 3-A. Vermelho-amarelado (5 YR 5/6). Cozedura oxidante. M.C. 12 (00) B2 [222].

2.2. Grupos de fabrico

Com o propósito de determinar quais as diferentes regiões produtoras presentes no conjunto das ânforas de tradição pré-romana de Mesas do Castelinho, procedeu-se a uma análise macroscópica das pastas com uma lupa de 15 aumentos. Com base nas características das pastas e nos elementos não plásticos identificados, distinguiram-se três grupos de fabrico distintos: um primeiro (Grupo 1), proveniente da região sul-peninsular, enquadrável no grupo “Baía gaditana” definido por Ramón Torres (1995); um segundo atribuível às produções da *Campiña Gaditana*; e um terceiro grupo de provável origem local/regional.

Tanto no designado Grupo 1 como no Grupo 3 precedeu-se a uma subdivisão dos fabricos, subdivisão essa que deverá, presumivelmente, corresponder a diferentes centros produtores que, embora situados na mesma região, evidenciam algumas diferenças.

Os fabricos do Grupo 3 apresentam-nos maiores dificuldades quanto à sua proveniência. As características da pasta e elementos não plásticos utilizados são idênticos aos que se observam na cerâmica comum presente em Mesas do Castelinho, facto que nos leva a crer que a sua produção se possa enquadrar num âmbito local/regional, ou seja, no contexto do interior alentejano ou, eventualmente, da Baixa Extremadura ou Alta Andaluzia.

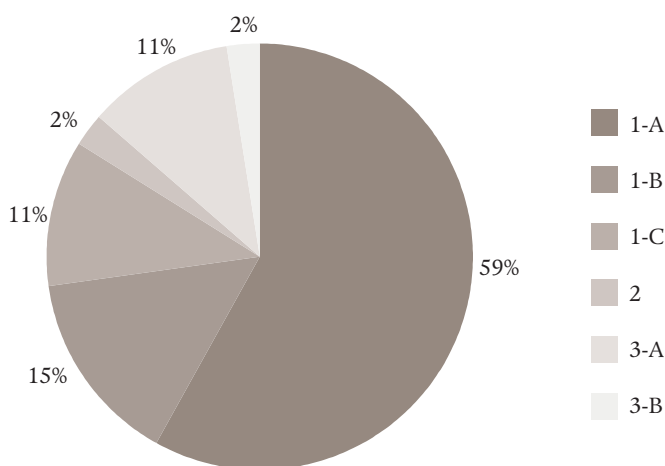


Fig. 14 Distribuição dos diferentes fabricos (sobre o valor total da amostra).

2.2.1. Grupo 1

Este grupo, embora heterogéneo, apresenta características comuns às produções da baía gaditana. Contudo, algumas diferenças ao nível dos elementos não plásticos utilizados na sua produção, bem como a quantidade e dimensão destes, diferenças ao nível da cor e das próprias características da pasta, aconselham a uma subdivisão, correspondendo esses subgrupos a possíveis diferentes centros produtores dentro da região genericamente designada como baía gaditana. Com base nestes pressupostos, estabeleceram-se os seguintes subgrupos que se enumeraram de A a C:

Fabrico 1-A

Pasta compacta, depurada e homogénea, de cor que varia entre vermelho-claro (2.5 YR 6/8), amarelo-avermelhado (5 YR 7/6) e bege (10 YR 8/3). Os elementos não plásticos são abundantes e constituídos por quartzos, calcites, micas e grãos ferruginosos de pequena/média dimensão. Em alguns dos fragmentos são igualmente observáveis pequenos elementos orgânicos carbonizados e vacúolos. Trata-se do fabrico melhor representado, correspondendo a 58% do total da amostra e a 62% do conjunto de bordos.

Fabrico 1-B

Pasta compacta e depurada, de toque macio e de cor que varia entre o amarelo-avermelhado (5 YR 6/6) e o cinzento-claro (2.5 Y 7/2). Os elementos não plásticos são raros/pouco abundantes e de reduzida dimensão, constituídos por micas, quartzos, calcites, e ocasionais grãos ferruginosos. Corresponde ao segundo fabrico mais bem representado nas ânforas de Mesas do Castelinho (15% do total da amostra e 17% do conjunto de bordos).

Fabrico 1-C

Pasta granulosa e compacta, de cor que varia entre o castanho-claro (7.5 YR 6/4) e o bege (10 YR 7/3). Os elementos não plásticos são constituídos por quartzos, micas e grãos ferruginosos pouco abundantes e de reduzida dimensão. O fragmento n.º 17 (bordo) conserva vestígios de resina no interior. Corresponde a 11% do total da amostra e a 13% do conjunto de bordos.

2.2.2. Grupo 2

Pasta compacta e homogénea, de cor cinzenta (10 YR 5/1) no núcleo, e amarelo-avermelhado (5 YR 6/8) nas margens. Os elementos não plásticos são frequentes e de dimensão pequena/média, constituídos por quartzos, calcites, micas, feldspatos e raros grãos ferruginosos. Apresenta um engobe pouco espesso amarelo-claro. Este fabrico, atribuível à *Campiña Gaditana*, é exclusivo do tipo T-8.1.1.2., tendo sido identificados apenas dois fragmentos que correspondem a 4% do conjunto de bordos e 3% do total da amostra.

2.2.3. Grupo 3

Este grupo corresponde a produções de origem local ou regional, evidenciando o mesmo tipo de pasta, cor e desengordurantes verificáveis na cerâmica comum abundantemente presente em Mesas do Castelinho.

Fabrico 3-A

Pasta compacta e granulosa, de cor vermelho-claro (2.5 YR 6/8). Quanto aos elementos não plásticos, apresenta abundantes quartzos e quartzitos angulosos, nódulos de cerâmica e raras micas de pequena e média dimensão. Corresponde a 11% do total da amostra, não tendo sido identificados quaisquer fragmentos de bordo.

Fabrico 3-B

Pasta compacta e depurada, de cor vermelho-acastanhado (5 YR 5/6). Quanto aos elementos não plásticos, apresenta quartzos (angulosos), grãos ferruginosos e xistos pouco abundantes e de pequenas dimensões. Apenas se identificaram dois fragmentos com este fabrico, o que corresponde a 4% do conjunto de bordos e a 2% do total da amostra.

3. Significado da amostra

3.1. Produtos importados

A definição dos conteúdos transportados por estas ânforas documentadas em Mesas do Castelinho está necessariamente dependente daquilo que a investigação até hoje conseguiu apurar, não permitindo os dados aduzidos pelo conjunto aqui em estudo acrescentar algo de novo, com excepção, talvez, do revestimento resinoso registado num fragmento de bordo do Tipo T-8.2.1.1. Infelizmente, este campo de investigação está ainda pouco desenvolvido relativamente às ânforas pré-romanas. Porém, o conjunto em apreço permite ainda assim retirar algumas ilações a este respeito.

É de consenso geral que o tipo T-9.1.1.1. se destinava ao transporte de preparados de peixe (Ramón Torres, 1995; García, 1998), parecendo igualmente consensual que o Subgrupo T-11.2.1.0. se destinava a envasar o mesmo tipo de produtos. As T-4.2.2.5. poderão também ter transportado produtos derivados da exploração de recursos marinhos, conforme já se referiu, embora sejam também associadas ao transporte de vinho e de azeite (Frutos, Chic & Berriatua, 1988; Ruiz & Villedary, 1997; Arruda, Bargão & Sousa, 2005)

Relativamente aos produtos transportados pelas T-8.2.1.1. de fabrico gaditano, as propostas mais recentes apontam no sentido de um conteúdo piscícola (Carretero, 2004a; Sáez, Díaz & Montero, 2004), algo que é corroborado pelo aparecimento de vestígios de um revestimento resinoso na superfície interna de um exemplar desta forma em Mesas do Castelinho, ainda que se não possa descartar totalmente a hipótese de um possível conteúdo vínico.

Quanto às T-8.1.1.2., ficou recentemente demonstrado (Carretero, 2004) que se destinariam a envasar o azeite produzido na zona da *Campiña Gaditana*. Resta referir que, no que diz respeito às produções locais/regionais, a aparente inexistência de uma clara associação entre forma e conteúdo impede o reconhecimento dos produtos que transportaria, isto se assumirmos para estes contentores uma função de transporte.

Tendo em conta os dados expostos, é visível nas importações de Mesas do Castelinho uma clara predilecção por produtos derivados da exploração de recursos marinhos, evidenciada pela maioritária presença de ânforas de tipo T-8.2.1.1., T-9.1.1.1. e Subgrupo T-11.2.1.0. Esta aparente preferência, relativamente a produtos como o azeite ou o vinho, não é totalmente estranha se tivermos em conta que se trata de produtos do litoral e, portanto, inexistentes na região, que adquiririam um carácter exótico nestas paragens, sendo, provavelmente, aqui como em muitos outros lugares, bastante apreciados, e sobretudo adquiridos e consumidos pelas elites locais.

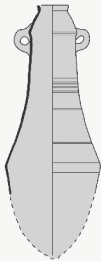

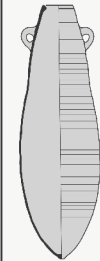
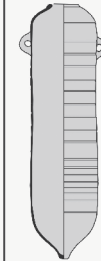
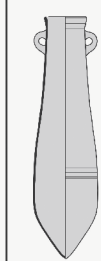
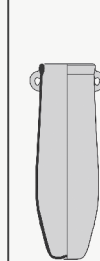

	T-11.2.1.5.	T-11.2.1.6.	T-8.1.1.2.	T-4.2.2.5.	T-8.2.1.1.	T-9.1.1.1.	Indeterminado (local/regional)	Total
								
NMI	1	1	2	3	23	16	2	48
NMI %	2%	2%	4%	6%	48%	34%	4%	100%

Fig. 15 Quantificação das ânforas de tradição pré-romana de Mesas do Castelinho (NMI).

Em relação ao vinho, a sua produção durante a Idade do Ferro em território actualmente português não está ainda arqueologicamente documentada (Arruda & Gonçalves, 1995), estando, contudo, atestada a sua importação e consumo. Esta apreciada bebida poderá ter chegado a Mesas do Castelinho em ânforas do tipo T-4.2.2.5., ou mesmo T-8.2.1.1., embora o carácter aparentemente alargado no que se refere a produtos transportados pelo primeiro tipo não permita comprovar um conteúdo vínico nos exemplares presentes neste sítio, e o segundo tipo seja normalmente mais associado ao transporte de preparados de peixe.

A importação de azeite está documentada neste conjunto pelos dois exemplares do tipo T-8.1.1.2. e, possivelmente, pelas T-4.2.2.5., sendo a sua presença, a par da possível presença de vinho, claramente minoritária.

Estas importações, ao que a análise dos fabricos deixa perceber, eram na sua esmagadora maioria oriundas da área sul-peninsular, panorama aliás idêntico ao que se regista na generalidade dos sítios da Idade do Ferro em território nacional, constituindo as produções locais/regionais uma clara minoria.

3.2. *Sistemas de comércio*

Uma vez mais, a parca informação existente para sítios da Idade do Ferro do interior alentejano limita, a montante, qualquer estudo que se centre neste período. Embora seja inegável a existência de redes de intercâmbio entre povoados do interior e os centros litorais, que operavam como redistribuidores dos produtos comercializados com diversos pontos do Mediterrâneo, particularmente do “Círculo do Estreito”, estão ainda por perceber os ritmos por que se pautavam essas relações comerciais (Fabião, 1998, Vol. 2, p. 157). A existência de ânforas pré-romanas, cerâmicas áticas e recipientes de vidro policromo em sítios do interior como Mesas do Castelinho, Cabeça de Vaia-monte, Serra de Segóvia ou zona de Castro Verde, testemunha essa dinâmica comercial, marcada por um fluxo de artigos que, invariavelmente, aparece em associação (Fabião, 1998; Arruda, 2002). Parece, portanto, existir um padrão de importações exóticas neste contexto geográfico, algo que Fabião (1998) sublinha relativamente à área de Neves-Corvo e ao povoado de Mesas do Castelinho, mas que se estende também aos lugares da margem esquerda do Guadiana (Soares, 1996).

Arruda (1997) adiantou a possibilidade de Mértola funcionar como um centro redistribuidor para o Ocidente/interior de produtos que lhe chegariam desde Castro Marim através de uma rota do Guadiana. Esta proposta parece-nos fazer todo o sentido, na medida em que Mértola, importante entreposto comercial da antiguidade mercê da sua localização geográfica — na margem direita do Guadiana, no limite da sua navegabilidade a partir do mar, a cerca de 70 km da foz — dispunha de todas as condições necessárias para fazer chegar a sítios afastados da costa, como por exemplo Mesas do Castelinho, artigos como a cerâmica ática e, entre outros, estas ânforas. Esta hipótese não impede que, simultaneamente, pudessem igualmente ter aportado a Mesas do Castelinho produtos vindos da costa algarvia através de uma das antigas vias de travessia da Serra do Caldeirão, que o sítio controlava (Fabião & Guerra, 2008).

A presença em Mesas do Castelinho de ânforas de produção local ou regional, claramente inspiradas em modelos púnicos, podendo ser enquadradas nesse leque de produções indígenas tidas como claras imitações de modelos exógenos, indicia a existência de redes e rotas que estabeleceriam, também, relações comerciais entre diferentes sítios do interior.

Importa realçar que em Mesas do Castelinho se assiste a uma contínua importação de ânforas de tipologia pré-romana desde o século V/IV até ao I a.C., o que denuncia uma igual continuidade

desses sistemas, redes ou rotas de comércio ao longo de um extenso arco temporal. Deste modo, genericamente não é observável qualquer descontinuidade, ao nível das importações e, consequentemente, dos sistemas de comércio, com a chegada dos exércitos romanos, nem antes da chegada daqueles. Pela expressão quantitativa dos diversos tipos presentes, pode dizer-se que a presença romana incrementou substancialmente o transporte destes artigos ou, dito de outro modo, que os artigos da zona gaditana se exportaram em crescentes quantidades nos inícios da presença romana no Ocidente peninsular.

4. Considerações finais

Tendo em conta o registo estratigráfico e a cronologia de utilização dos recipientes aqui identificados, as ânforas pré-romanas de Mesas do Castelinho remetem-nos para um horizonte cultural que se estende desde o início da II Idade do Ferro até à presença romana no território meridional, verificando-se a sua presença desde as fases mais antigas do povoado, finais do século V a.C., até ao século I a.C. A continuidade destas importações ao largo de um tão amplo espaço de tempo permite-nos admitir a existência e persistência de redes comerciais que ligavam Mesas do Castelinho a um vasto conjunto de povoações, quer do interior quer do litoral.

Naturalmente, não podemos deixar de ter presente que, apesar da lata diacronia que estas ânforas apresentam, elas são, face ao volume de cerâmica exumado e à área já escavada, quantitativamente pouco expressivas. Por outras palavras, 81 fragmentos num contexto de, por certo, alguns milhares de fragmentos cerâmicos representam, de facto, uma percentagem minoritária. Tal poderá certamente encontrar explicação no facto de se tratar de um povoado do interior, onde o comércio, embora existente, adquiriria contornos bem menos expressivos que no litoral, e onde essas importações seriam monopolizadas pelas elites locais, provavelmente únicas detentoras de poder económico suficiente para as adquirir, sendo, por essas razões, encarados como bens de prestígio, como é o caso do vinho, à semelhança do que se passava no mundo mediterrânico e centro europeu (Arruda & Gonçalves, 1995).

A existência de uma rota do Guadiana (Arruda, 1997) — tomando em conta o papel que o rio Guadiana desempenhou durante a antiguidade no quadro do comércio regional, designadamente entre Castro Marim e Mértola, poder-se-ia dizer que aquele não finda em Castro Marim, antes se iniciando aí e desaguardo às portas de Mértola — durante a Idade do Ferro, que, vinda de Castro Marim, traria os produtos de origem mediterrânica até Mértola, a partir de onde estes seriam redistribuídos pelo interior, parece fazer todo o sentido no contexto das produções identificadas em Mesas do Castelinho, da mesma forma que o mesmo poderia ter acontecido através da antiga via que atravessa a serra do Caldeirão e flanqueia este sítio.

Na análise possível dos grupos de pastas e conteúdos transportados pelas ânforas reconhecidas em Mesas do Castelinho, constata-se que aquelas procederiam quase na sua totalidade da região sul-peninsular, transportando principalmente produtos derivados da exploração dos recursos marinhos.

Naturalmente, a correcta percepção das transformações ocorridas com a chegada dos exércitos romanos na cultura material e em outros aspectos da vida do povoado depende em grande parte do estudo das diversas realidades postas a descoberto ao longo das mais de vinte campanhas de escavação em Mesas do Castelinho, constituindo o presente estudo apenas uma pequena contribuição para uma leitura mais alargada e abrangente daquele sítio do interior alentejano.

Tabela 1

Nº	Fragmento	Tipologia	Diâmetro	Grupo de pastas	Produção	Cronologia	Sector	U.E	Contexto	Espessura
1	Bordo	T-8.2.1.1.	15,4 cm	1-A	Baía de Cádiz	Meados séc. IV-finais do II a.C.	A-3	[123] e [121]	Romano Republicano	Lábio: 1,3 cm
2	Bordo	T-8.2.1.1.	15,4 cm	1-C	Baía de Cádiz	Meados séc. IV-finais do II a.C.	A-1	[43]	Romano Republicano	Lábio: 1,2 cm
3	Bordo	T-8.2.1.1.	12 cm	1-A	Baía de Cádiz	Meados séc. IV-finais do II a.C.	B-3	[0]	Perturbações recentes	Lábio: 1,2 cm
4	Bordo	T-8.2.1.1.	15 cm	1-A	Baía de Cádiz	Meados séc. IV-finais do II a.C.	A-3	[138]	Romano Republicano	Lábio: 1,4 cm
5	Bordo	T-8.2.1.1.	13,4 cm	1-A	Baía de Cádiz	Meados séc. IV-finais do II a.C.	A-3	[89]	Romano Republicano	Lábio: 1,4 cm
6	Bordo	T-9.1.1.1.	17,6 cm	1-C	Baía de Cádiz	Finais do séc. III-inícios do I a.C.	B-2	[239]	Romano Republicano	Lábio: 1,6 cm
7	Bordo	T-9.1.1.1.	15,6 cm	1-A	Baía de Cádiz	Finais do séc. III-inícios do I a.C.	A-3	[145]	Romano Republicano	Lábio: 1,6 cm
8	Fundo	Indeterm.	/	1-A	Baía de Cádiz	/	B-2	[76]	Romano Republicano	Parede: 1,5 cm
9	Bordo	T-8.1.1.2.	15,6 cm	2	Baía de Cádiz	Séc. IV - séc. III a.C.	B-2	[382]	Idade do Ferro	Lábio: 1,9 cm
10	Bordo	T-4.2.2.5.	11,6 cm	1-B	Baía de Cádiz	Meados séc. IV-finais do I a.C.	A-1	[122]	Tardo-republicano	Lábio: 1,9 cm
11	Bordo	T-9.1.1.1.	18,2 cm	1-A	Baía de Cádiz	Finais do séc. III-inícios do I a.C.	A-3	[145]	Romano Republicano	Lábio: 1,6 cm
12	Bordo	T-9.1.1.1.	18,2 cm	1-C	Baía de Cádiz	Finais do séc. III-inícios do I a.C.	A-3	[145]	Romano Republicano	Lábio: 1,4 cm
13	Bordo	T-9.1.1.1.	16,2 cm	1-A	Baía de Cádiz	Meados séc. IV-finais do II a.C.	A-1	[272]	Idade do Ferro	Lábio: 1,5 cm
14	Bordo	T-9.1.1.1.	13,4 cm	1-B	Baía de Cádiz	Finais do séc. III-inícios do I a.C.	B-3	[53]	Romano Imperial	Lábio: 1,3 cm
15	Bordo	T-8.2.1.1.	11,4 cm	1-A	Baía de Cádiz	Meados séc. IV-finais do II a.C.	A-1	[246]	Idade do Ferro	Lábio: 1,4 cm
16	Bordo	T-8.2.1.1.	15,4 cm	1-A	Baía de Cádiz	Meados séc. IV-finais do II a.C.	B-2	[125]	Idade do Ferro	Lábio: 1,2 cm
17	Bordo	T-8.2.1.1.	17,6 cm	1-C	Baía de Cádiz	Meados séc. IV-finais do II a.C.	B-2	[499]	Idade do Ferro	Lábio: 1,4 cm
18	Bordo	T-8.2.1.1.	16,4 cm	1-A	Baía de Cádiz	Meados séc. IV-finais do II a.C.	B-2	[197]	Idade do Ferro	Lábio: 1,4 cm
19	Bordo	T-8.2.1.1.	14,8 cm	1-B	Baía de Cádiz	Meados séc. IV-finais do II a.C.	B-2	[0]	Perturbações recentes	Lábio: 1,3 cm
20	Bordo	T-8.2.1.1.	16,8 cm	1-C	Baía de Cádiz	Meados séc. IV-finais do II a.C.	B-2	[459]	Idade do Ferro	Lábio: 1,3 cm
21	Bordo	T-8.1.1.2.	14,2 cm	2	Baía de Cádiz	Séc. IV - séc. III a.C.	R.S.	R.S.	Perturbações recentes	Lábio: 2,1 cm
22	Bordo	T-9.1.1.1.	17,8 cm	1-A	Baía de Cádiz	Finais do séc. III-inícios do I a.C.	A-3	[145]	Romano Republicano	Lábio: 1,5 cm
23	Bordo	T-9.1.1.1.	18,2 cm	1-A	Baía de Cádiz	Finais do séc. III-inícios do I a.C.	B-2	[257]	Romano Republicano	Lábio: 1,4 cm
24	Bordo	T-9.1.1.1.	20,2 cm	1-A	Baía de Cádiz	Finais do séc. III-inícios do I a.C.	A-1	[230]	Romano Republicano	Lábio: 1,7 cm
25	Bordo	T-8.2.1.1.	13,4 cm	1-A	Baía de Cádiz	Meados séc. IV-finais do II a.C.	A-3	[88]	Romano Republicano	Lábio: 1,4 cm
26	Bordo	T-4.2.2.5.	13 cm	1-B	Baía de Cádiz	Meados séc. IV-finais do I a.C.	B-2	[166]	Idade do Ferro	Lábio: 1,8 cm
27	Bordo	T-8.2.1.1.	12,6 cm	1-A	Baía de Cádiz	Meados séc. IV-finais do II a.C.	A-3	[93]	Romano Republicano	Lábio: 1,4 cm
28	Bordo	T-9.1.1.1.	16,6 cm	1-A	Baía de Cádiz	Finais do séc. III-inícios do I a.C.	B-2	[77]	Romano Republicano	Lábio: 1,5 cm
29	Fundo	Indeterm.	/	1-A	Baía de Cádiz	/	A-1	Corte Z	?	Parede: 0,7 cm
30	Fundo	Indeterm.	/	1-B	Baía de Cádiz	/	B-2	[314]	Idade do Ferro	Parede: 0,8 cm
31	Asa	Indeterm.	/	1-B	Baía de Cádiz	/	A-1	[204]	Tardo-republicano	Asa: 1,5 cm
32	Asa	Indeterm.	/	1-C	Baía de Cádiz	/	A-3	[145]	Romano Republicano	Asa: 1,4 cm
33	Asa	Indeterm.	/	3-A	Local/regional	/	B-2	[89]	Tardo-republicano	Asa: 1,7 cm

Tabela 1										
Nº	Fragmento	Tipologia	Diâmetro	Grupo de pastas	Produção	Cronologia	Sector	U.E	Contexto	Espessura
34	Asa	Indeterm.	/	1-C	Baía de Cádiz	/	B-1	[15]	Idade do Ferro	Asa: 2,3 cm
35	Asa	Indeterm.	/	1-A	Baía de Cádiz	/	A/B	[0]	Perturbações recentes	Asa: 1,8 cm
36	Bordo	T-8.2.1.1.	15 cm	1-A	Baía de Cádiz	Meados séc. IV-finais do II a.C.	A-1	[236]	Idade do Ferro	Lábio: 1,4 cm
37	Bordo	T-8.2.1.1.	16,4 cm	1-A	Baía de Cádiz	Meados séc. IV-finais do II a.C.	A-1	[260]	Romano Republicano	Lábio: 1,4 cm
38	Bordo	T-8.2.1.1.	16,4 cm	1-A	Baía de Cádiz	Meados séc. IV-finais do II a.C.	A-1	[98]	Perturbações recentes	Lábio: 1,3 cm
39	Asa	Indeterm.	/	1-A	Baía de Cádiz	/	A-1	[136]	Tardo-republicano	Asa: 2,1 cm
40	Asa	Indeterm.	/	1-B	Baía de Cádiz	/	B-2	[74]	Tardo-republicano	Asa: 2 cm
41	Asa	Indeterm.	/	1-A	Baía de Cádiz	/	A-1	[131]	Tardo-republicano	Asa: 1,9 cm
42	Asa	Indeterm.	/	1-C	Baía de Cádiz	/	B-2	[499]	Idade do Ferro	Asa: 2,4 cm
43	Asa	Indeterm.	/	1-A	Baía de Cádiz	/	A-3	[6]	Perturbações recentes	Asa: 2 cm
44	Asa	Indeterm.	/	1-A	Baía de Cádiz	/	A-1	[272]	Idade do Ferro	Asa: 2 cm
45	Asa	Indeterm.	/	1-A	Baía de Cádiz	/	B-2	[1]	Perturbações recentes	Asa: 2,1 cm
46	Asa	Indeterm.	/	1-B	Baía de Cádiz	/	A-1	[287]	Idade do Ferro	Asa: 2,1 cm
47	Asa	Indeterm.	/	1-A	Baía de Cádiz	/	A-1	[287]	Idade do Ferro	/
48	Asa	Indeterm.	/	1-A	Baía de Cádiz	/	A-1	[287]	Idade do Ferro	Asa: 2,3 cm
49	Bordo	T-11.2.1.6.	10,2 cm	1-B	Baía de Cádiz	Finais do séc. V - inícios do IV a.C.	A-1	[287]	Idade do Ferro	Lábio: 1,6 cm
50	Bordo	T-8.2.1.1.	12,2 cm	1-A	Baía de Cádiz	Meados séc. IV-finais do II a.C.	A-1	[287]	Idade do Ferro	Lábio: 1,6 cm
51	Bordo	Indeterm.	14,4 cm	3-B	Local/regional	Meados séc. IV-finais do II a.C.?	A-1	[234]	Idade do Ferro	Lábio: 1,3 cm
52	Bordo	T-11.2.1.5.	11 cm	1-B	Baía de Cádiz	Último terço do séc. V a.C.	A-1	[204]	Romano Republicano	Lábio: 1,2 cm
53	Asa	Indeterm.	/	1-A	Baía de Cádiz	/	B-1	[15]	Idade do Ferro	Asa: 2,3 cm
54	Asa	Indeterm.	/	3-A	Local/regional	/	B-2	[223]	Romano Republicano	Asa: 2 cm
55	Asa	Indeterm.	/	3-A	Local/regional	/	B-3	[81]	Tardo-republicano	Asa: 1,7 cm
56	Asa	Indeterm.	/	1-A	Baía de Cádiz	/	A-1	[230]	Idade do Ferro	/
57	Bordo	T-9.1.1.1.	19,4 cm	1-A	Baía de Cádiz	Finais do séc. III-inícios do I a.C.	A-3	[183]	Romano Republicano	Lábio: 1,6 cm
58	Bordo	T-9.1.1.1.	18 cm	1-A	Baía de Cádiz	Finais do séc. III-inícios do I a.C.	A-3	[122] e [103]	Romano Republicano	Lábio: 1,3 cm
59	Bordo	T-9.1.1.1.	12,8 cm	1-A	Baía de Cádiz	Finais do séc. III-inícios do I a.C.	A-3	[103]	Romano Republicano	Lábio: 1 cm
60	Asa	Indeterm.	/	3-A	Local/regional	/	A-1	[131]	Tardo-republicano	Asa: 2 cm
61	Asa	Indeterm.	/	3-A	Local/regional	/	A-3	[103]	Romano Republicano	Asa: 2,1 cm
62	Bordo	T-8.2.1.1.	16 cm	1-A	Baía de Cádiz	Meados séc. IV-finais do II a.C.	A-1	[220]	Idade do Ferro	Lábio: 1,2 cm
63	Asa	Indeterm.	/	3-A	Local/regional	/	A-3	[134]	Romano Republicano	Asa: 2,3 cm
64	Bordo	T-8.2.1.1.	16,08 cm	1-A	Baía de Cádiz	Meados séc. IV-finais do II a.C.	B-2	[205]	?	Lábio: 1,3 cm
65	Bordo	T-8.2.1.1.	13,04 cm	1-A	Baía de Cádiz	Meados séc. IV-finais do II a.C.	A-3	[122]	Romano Republicano	Lábio: 1,4 cm
66	Bordo	T-9.1.1.1.	20 cm	1-C	Baía de Cádiz	Finais do séc. III-inícios do I a.C.	B-2	[426]	Romano Republicano	Lábio: 1,6 cm
67	Bordo	T-9.1.1.1.	20,08 cm	1-A	Baía de Cádiz	Finais do séc. III-inícios do I a.C.	A-3	[145]	Romano Republicano	Lábio: 1,4 cm

Tabela 1

Nº	Fragmento	Tipologia	Diâmetro	Grupo de pastas	Produção	Cronologia	Sector	U.E	Contexto	Espessura
68	Bordo	T-8.2.1.1.	?	1-A	Baía de Cádiz	Meados séc. IV-finais do II a.C.	B-2	[130]	Idade do Ferro	Lábio: 1,3 cm
69	Fundo	Indeterm.	/	1-A	Baía de Cádiz	/	B-2	[199]	Idade do Ferro	Parede: 0,7 cm
70	Fundo	Indeterm.	/	1-A	Baía de Cádiz	/	B-3	[7]	?	Parede: 0,7 cm
71	Bordo	T-8.2.1.1.	18,04 cm	1-B	Baía de Cádiz	Meados séc. IV-finais do II a.C.	B-3	[57]	Romano	Lábio: 1,6 cm
72	Bordo	T-4.2.2.5.	10,08 cm	1-B	Baía de Cádiz	Meados séc. IV-finais do I a.C.	B-2	[299]	Idade do Ferro	Lábio: 1,8 cm
73	Asa	Indeterm.	/	1-A	Baía de Cádiz	/	B-2	[23]	?	Asa: 2,1 cm
74	Bordo	T-8.2.1.1.	14,01 cm	1-A	Baía de Cádiz	Meados séc. IV-finais do II a.C.	B-2	[467]	Idade do Ferro	Lábio: 1,1 cm
75	Asa	Indeterm.	/	1-A	Baía de Cádiz	/	B-2	[456]	Idade do Ferro	Asa: 2,1 cm
76	Asa	Indeterm.	/	3-A	Local/regional	/	B-2	[426]	Idade do Ferro	Asa: 2,4 cm
77	Bordo	T-9.1.1.1.	18,08 cm	1-A	Baía de Cádiz	Finais do séc. III-inícios do I a.C.	B-2	[132]	Romano Republicano	Lábio: 1,2 cm
78	Bordo	Indeterm.	17,04 cm	3-B	Local/regional	Finais do séc. V-inícios do IV a.C.	B-2	[132]	Idade do Ferro	Lábio: 1,4 cm
79	Asa	Indeterm.	/	3-A	Local/regional	/	B-3	[53]	Romano Imperial	Asa: 2,1 cm
80	Asa	Indeterm.	/	1-A	Baía de Cádiz	/	B-2	[499]	Idade do Ferro	Asa: 2,3 cm
81	Asa	Indeterm.	/	3-A	Local/regional	/	B-2	[222]	Romano Republicano	Asa: 2 cm

NOTAS

* Mestre em Pré-História e Arqueologia.
victor.filipe7@gmail.com

¹ Não posso deixar de agradecer ao Professor Carlos Fabião o facto de, numa primeira fase, e ainda antes da idealização deste projecto no âmbito do Seminário de Licenciatura em Arqueologia e História, me ter oferecido a oportunidade de estudar os materiais de Mesas do Castelhino, bem como a orientação e sucessivos esclarecimentos; e, numa segunda fase, a oportunidade de publicar o resultado desse trabalho, entretanto revisto, e o texto introdutório deste artigo. De igual modo, gostaria de agradecer ao Professor Amílcar Guerra, à Teresa Laço, ao João Pimenta e à Ana Sofia Antunes todo o apoio dispensado em diferentes fases deste trabalho.

² Em itálico, texto de Carlos Fabião.

³ Já depois da realização e revisão do trabalho que aqui se publica, foi apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa uma dissertação de mestrado: Parreira, J. (2009) - *As ânforas romanas de Mesas do Castelhino*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado – onde, a par das ânforas romanas, se estudou também o conjunto de ânforas pré-romanas. Embora aí se estude um conjunto ligeiramente mais alargado, uma vez que se incluem já os exemplares exumados nas intervenções realizadas nos últimos anos, esses novos elementos não vêm alterar significativamente a leitura que aqui fazemos.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ALMAGRO GORBEA, Martín (1977) - *El Bronce Final y el Periodo Orientalizante en Extremadura*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- ANTUNES, Ana Sofia (2005) - *Castro da Azougada: conjunto cerâmico. Em torno da Idade do Ferro Pós-Orientalizante da margem esquerda do Baixo Guadiana*. Dissertação de Mestrado em Pré-história e Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- ARRUDA, Ana Margarida (1997) - *As cerâmicas áticas do castelo de Castro Marim no quadro das exportações gregas para a Península Ibérica, seguido por O Corço, a Kilix e Dyonisos (uma breve nota sobre cerâmica e símbolos)*. Lisboa: Colibri.
- ARRUDA, Ana Margarida (2001) - Importações “púnicas” no Algarve: cronologia e significado. In *Actas do Colóquio internacional Os Púnicos no extremo Ocidente*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 69–98.
- ARRUDA, Ana Margarida (2002) - *Los Fenícios en Portugal. Fenícios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea. Barcelona. 5–6.
- ARRUDA, Ana Margarida; GONÇALVES, Victor dos Santos (1995) - Produção e consumo de vinho no território actualmente português durante a Idade do Ferro (séculos VIII a IV a.C.). In *Amar, Sentir e Viver a História – Estudos de Homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão*. Lisboa, Edições Colibri, pp. 21–27.

- ARRUDA, Ana Margarida; BARGÃO, Patrícia; SOUSA, Elisa (2005) - A ocupação pré-romana de Faro: alguns dados novos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, pp. 177-208.
- ARRUDA, Ana Margarida; VIEGAS, Catarina; BARGÃO, Patrícia (2005) - As ânforas da Bética costeira na Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, pp. 279-297.
- ARRUDA, Ana Margarida; VIEGAS, Catarina; BARGÃO, Patrícia; PEREIRA, Raúl (2006) - A importação de preparados de peixe no Castelo de Castro Marim: da Idade do Ferro à Época Romana. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 13, pp. 153-176.
- ARRUDA, Ana Margarida; SOUSA, Elisa; BARGÃO, Patrícia; LOURENÇO, Pedro (2008) - Monte Molião (Lagos): resultados de um projecto em curso. *Xelb*. Silves. 8, pp. 137-168.
- ARTEAGA, Oswaldo (1985) - Excavaciones arqueológicas en el Cerro del Mar (campana de 1982). Una aportación preliminar al estudio estratigráfico de las ánforas púnicas y romanas del yacimiento. *Noticiario Arqueológico Hispánico*. Madrid. 23, pp. 195-233.
- AUBET, María Eugenia; CARMONA, Pilar; CURÍÁ, Elisenda; DELGADO, Ana; FERNÁNDEZ CANTOS, Antonio; PÁRRAGA, Mercedes (1999) - *Cerro del Villar – 1. Asentamiento fenicio en la desembocadura del río Guadalhorce y su relación con el interland*. Sevilla: Junta de Andalucía, Consejería de Cultura.
- BARGÃO, Patrícia (2006) - *As importações anfóricas do Mediterrâneo durante a Época Romana Republicana na Alcáçova de Santarém*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- BARGÃO, Patrícia (2008) - Intervenção de emergência na Rua do Monte Molião: primeiras leituras. *Xelb*. Silves. 8, pp. 169-189.
- BERROCAL RANGEL, Luis (1992) - *Los pueblos célticos del Suroeste de la Península Ibérica*. Madrid: Complutense.
- BERROCAL RANGEL, Luis (1994) - *El altar prerromano del Castrejón de Capote. Ensayo etno-arqueológico de un ritual céltico en el Suroeste peninsular*. Madrid: Universidad Autónoma.
- CARDOSO, João Luís; CARREIRA, Júlio Roque (1997-1998) - A ocupação de época púnica da Quinta da Torre (Almada). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, pp. 189-217.
- CARRETERO POBLETE, Pedro (2004a) - *Las ánforas tipo “Tmōsa” y la explotación agrícola de la Campiña Gaditana entre los siglos V y III a.C.* Dissertação de doutoramento, apresentada à Faculdade de Geografia e História da Universidade Complutense de Madrid. Edição policopiada.
- CARRETERO POBLETE, Pedro (2004b) - Las producciones cerámicas de ánforas tipo «Campamentos Numantinos» y su origen en San Fernando (Cádiz): los hornos de Pery Junquera. In *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética Romana (ss. II a.C. - VII d.C.)*. Oxford: Archaeopress, pp. 427-439.
- DIOGO, António Manuel Dias (1993) - Ânforas pré-romanas dos Chões de Almpompé (Santarém). In *Estudos Orientais IV - Os Fenícios no território Português*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, pp. 215-227.
- DIOGO, António Manuel Dias; CARDOSO, João Pedro; REINER, Francisco (2000) - Um conjunto de ânforas recuperadas nas dragagens da foz do rio Arade, Algarve. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, pp. 81-118.
- DIOGO, António Manuel Dias; TRINDADE, Laura (1993-1994) - Materiais provenientes de Chões de Almpompé (Santarém). *Conimbriga*. Coimbra. 32-33, pp. 263-281.
- DIOGO, António Manuel Dias [et alii] (1990) - *Notícia de uma olaria em Alcácer do Sal produtora de ânforas ibero-púnicas*. [Comunicação apresentada às IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Maio de 1990), mas não publicada no volume das actas].
- FABIÃO, Carlos (1998) - *O mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território hoje português*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. Policopiado.
- FABIÃO, Carlos (2003) - O Serro do Cavaco (Tavira). In *Tavira: território e poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 77-81.
- FABIÃO, Carlos; GUERRA, Amílcar (1991) - O povoado fortificado de “Mesas do Castelinho”, Almodôvar. In *Actas das IV Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1990)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 305-319.
- FABIÃO, Carlos; GUERRA, Amílcar (1994) - As ocupações antigas de Mesas do Castelinho (Almodôvar). Resultados preliminares das campanhas de 1990-92. In *Actas das V Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1993)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 275-290.
- FABIÃO, Carlos; GUERRA, Amílcar (2008) - Mesas do Castelinho (Almodôvar): um projecto com vinte anos. *Al-madam*. Almada. II série. 16, pp. 92-105.
- FILIFE, Victor (2008) - *As ânforas do teatro romano de Lisboa*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- FILIFE, Victor; CALADO, Marco; LEITÃO, Manuela (no prelo) - Evidências orientalizantes na área urbana de Lisboa: o caso dos edifícios na envolvente da Mãe de Água do Chafariz d'El Rei. Poster apresentado ao *VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 25 de Setembro a 1 de Outubro de 2005.
- FREITAS, Vera Teixeira de; OLIVEIRA, Carlos Pinto de (2007) - A Idade do Ferro no baixo Guadiana. In MORÍN, Jorge; URBINA, Dionisio; BICHO, Nuno Ferreira, eds. - *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Faro, Setembro de 2004)*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 409-418.
- FRUTOS, Gregorio de; CHIC, Genaro; BERRIATÚA, Nerea (1988) - Las ánforas de la factoría prerromana de salazones de “Las Redes” (Puerto de Santa María, Cádiz). In *Actas del 1.º Congreso Peninsular de Historia Antigua*. Vol. 1. Santiago de Compostela: Universidade, pp. 295-306.
- GARCÍA VARGAS, Enrique (1998) - *La producción de ánforas en la bahía de Cádiz en época romana (siglos II a.C. - IV d.C.)*. Écija: Gráficas Sol.
- GOMES, Mário Varela (1993) - O estabelecimento fenício-púnico do Cerro da Rocha Branca (Silves). In *Estudos Orientais IV - Os Fenícios no território Português*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, pp. 73-107.
- GONZÁLEZ TORAYA, Beatriz; TORRES QUIRÓS, José; LAGÓSTENA BARRIOS, Lázaro; PRIETO REINA, Oscar (2000) - Los inicios de la producción anfórica en la bahía Gaditana en Época Republicana: la intervención de urgencia en Avda. Pery Junquera (San Fernando, Cádiz). In *Actas Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas y vino de la Bética en el Imperio Romano*. Vol. 1. Écija: Gráficas Sol, pp. 175-185.

- GRILO, Carolina (2006) - *A Rua do Sembrano e a ocupação pré-romana de Beja*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- GUERRA, Amílcar; FABIÃO, Carlos (1993) - Uma fortificação omíada em Mesas do Castelinho (Almodôvar). *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, pp. 85–102.
- GUERRA, Amílcar; FABIÃO, Carlos (2001) - Mesas do Castelinho, Almodôvar: uma fortificação rural islâmica do Baixo Alentejo. In *Mil anos de fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500) Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos (Palmela)*. Lisboa: Colibri; Palmela: Câmara Municipal, pp. 171–176.
- GUERRA, Amílcar; FABIÃO, Carlos (no prelo) - Mesas do Castelinho (Almodôvar): um exemplo de urbanismo falhado no Sul da Lusitânia. In *VII Table-ronde Internationale sur la Lusitanie Romaine (Toulouse, 2006)*.
- GUERRERO AYUSO, Victor Manuel (1991) - El Palacio-Santuario de Cancho Roano (Badajoz) y la comercialización de ánforas indígenas. *Rivista di Studi Fenici*. Roma. 19:1, pp. 49–82.
- GUERRERO AYUSO, Victor Manuel; ROLDÁN BERNAL, Blanca (1992) - *Catálogo de las ánforas prerromanas*. Cartagena: Museu Nacional de Arqueología Marítima.
- JIMÉNEZ ÁVILA, Javier; DOMÍNGUEZ DE LA CONCHA, María Coronada (1995) - Materiales protohistóricos de “El Turuñuelo” (Mérida, Badajoz). *Pyrenae*. Barcelona. 26, pp. 131–151.
- MAIA, Manuel (2004) - *Tavira turdetana, porto do “Círculo do Estreito” nos finais do séc. V a.C.* < <http://www.arqueotavira.com/Estudos/PescaTavira.pdf> >.
- MAIA, Maria; CORREA, José Antonio (1985) - Inscripción en escritura tartesia (o del SO) hallada en Neves (Castro Verde, Baixo Alentejo) y su contexto arqueológico. *Habis*. Sevilla. 16, pp. 243–274.
- MATALOTO, Rui (2004) - *Um “monte” da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no I milénio a.C. do Alentejo Central*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- MUÑOZ VICENTE, Ángel (1987) - Las ánforas prerromanas de Cádiz (informe preliminar). *Anuario Arqueológico de Andalucía*. Sevilla. 2, pp. 472–478.
- PELLICER CATALÁN, Manuel (1978) - Tipología y cronología de las ánforas prerromanas del Guadalquivir según Cerro Macareno (Sevilla). *Habis*. Sevilla. 9, pp. 365–400.
- PERDIGONES MORENO, Lorenzo; MUÑOZ VICENTE, Ángel (1988) - Excavaciones arqueológicas de urgencia en los hornos púnicos de Torre Alta. San Fernando, Cádiz. *Anuario Arqueológico de Andalucía*. Sevilla. 3, pp. 106–112.
- PIMENTA, João (2005) - *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- PIMENTA, João (2007) - A importação de ânforas de preparados piscícolas em *Olisipo* (séculos II-I a.C.). In *Actas del congreso Internacional CETARIAE. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad. Universidad de Cádiz, noviembre de 2005*. Oxford: Archaeopress, pp. 221–233.
- PIMENTA, João; CALADO, Marco; LEITÃO, Manuela (2005) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, pp. 313–334.
- PONSICH, Michel (1968) - Alfarerías de época fenicia y púnico-mauritana en Kuass (Arcila, Marruecos). *Saguntum*. Valencia. 4, pp. 3–25.
- RAMÓN TORRES, Joan (1995) - *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo central y occidental*. Barcelona: Universitat.
- RIBERA I LACOMBA, Albert (1998) - *La fundació de València. La ciutat a l'època romana republicana (segles II-I a. de C.)*. València: Universitat.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, Alonso, ed. (2004) - *El edificio protohistórico de «La Mata» (Campanario, Badajoz) y su estudio territorial*. Cáceres: Universidad de Extremadura.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, Alonso; ORTIZ ROMERO, Pablo (2004) - «La Mata», un edificio organizado. In RODRÍGUEZ DÍAZ, Alonso, ed. - *El edificio protohistórico de «La Mata» (Campanario, Badajoz) y su estudio territorial*. Cáceres: Universidad de Extremadura, p. 75-314.
- RUIZ MATA, Diego; NIVEAU DE VILLEDARY Y MARINAS, Ana María (1997) - La zona industrial de las Cumbres y la cerámica del S. III A.N.E. (Castillo de Doña Blanca - El Puerto de Santa María, Cádiz. In *XXIV Congreso Nacional de Arqueología. Cartagena, 1997*. Murcia: Instituto de Patrimonio Histórico, pp. 125–131.
- SÁEZ ROMERO, Antonio M. (2008a) - La producción de ánforas en el área del Estrecho en época tardopúnica (siglos III-I a.C.). In BERNAL CASASOLA, Darío; RIBERA I LACOMBA, Albert, eds. - *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*. Cádiz: Universidad, pp. 635–659.
- SÁEZ ROMERO, Antonio M. (2008b) - El sistema alfarero-salazonero de *Gadir/Gades*. Notas sobre sus procesos de transformación y adaptación en época Helenística. *Saguntum*. Valencia. 40, pp. 141–160.
- SÁEZ ROMERO, Antonio M.; DÍAZ RODRÍGUEZ, José Juan; MONTERO FERNÁNDEZ, Roberto (2004) - Acerca de un tipo de ánfora salazonera púnico-gadirita. *Habis*. Sevilla. 35, pp. 109–132.
- SANMARTÍ GREGO, Enric (1985) - Sobre un nuevo tipo de ánfora de época republicana, de origen presumiblemente hispánico. In PICAZO, Marina; SANMARTÍ GREGO, Enric, eds. - *Ceràmiques gregues i helenístiques a la Península Ibérica: taula rodona amb motiu del 75è aniversari de les excavacions d'Empúries, Empúries, 18–20 març 1983*. Barcelona: Institut de Prehistòria i Arqueologia, pp. 133–141.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1986) - *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal.
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina; BEIRÃO, Caetano de Mello; DIAS, Luísa Ferrer; SOARES, Antónia (1980–1981) - Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6–7, pp. 149–218.
- SOARES, António Manuel Monge (1996) - Povoado da Misericórdia (margem esquerda do Guadiana, Serpa). Ocupações humanas e vestígios metalúrgicos. *Vipasca*. Aljustrel. 5, pp. 103–116.
- SOUSA, Elisa (2005) - *A cerâmica de “tipo Kuass” do Castelo de Castro Marim e de Faro*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- VIEGAS, Catarina (2009) - *A ocupação romana do Algarve: estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.